

A FACE
AMARELA



COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES

A FACE AMARELA

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL

PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza .

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no “Strand Magazine” a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar “O Signo dos Quatro” e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o “Strand Magazine” propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

A FACE AMARELA

O SILVER STAR

Certa manhã, quando nos sentamos para o café, Holmes anunciou:

— Acho que terei de partir.

— Partir? Para onde?

— Para Dartmoor... Vou a King's Pyland.

Não me surpreendi. Até me admirava de ele ainda não ter intervindo mais cedo nesse caso, tão extraordinário que se tornou o principal assunto de todas as conversas na Inglaterra.

Diariamente, os nossos agentes de Imprensa nos enviavam todas as edições de jornais e revistas ingleses que ultimamente, antes do “mistério das corridas”, estavam sendo percorridos com os olhos e atirados para um canto. Agora, o nosso interesse foi despertado.

O meu amigo tinha passado o dia andando pela sala, de um lado para o outro, com o queixo apoiado no peito e o rosto carregado, e atacava e reatacava o cachimbo, com o seu tabaco “pólvora”, mostrando-se totalmente surdo às minhas raríssimas observações.

Ainda que Holmes se mantivesse mudo, eu sabia que estava decifrando mentalmente o único enigma que, nessa altura, poderia constituir um desafio ao seu poder de análise: o estranho desaparecimento do cavalo favorito da Copa Wessex⁽¹⁾ e o trágico assassinato do seu treinador.

Portanto, quando me comunicou a intenção de partir para King's Pyland, palco do crime, me entusiasmei.

— Ficaria feliz se pudesse acompanhá-lo — ofereci-me. — Caso não o incomode, evidentemente...

— Meu caro Watson! Fico-lhe grato, se quiser vir comigo. Não perderá o seu tempo, pois este problema oferece-nos premissas que prometem torná-lo especial... Mas já nos resta pouco tempo para apanharmos o trem na estação de Paddington. Poderemos discutir o assunto durante a viagem. Sim...

⁽¹⁾ *Copa Wessex, grande prêmio de corridas de cavalos. (N. do T.)*

Watson, quer me fazer o favor de levar com você o seu excelente binóculo?

Uma hora depois, seguíamos velozmente num vagão de primeira classe com destino a Exeter.

Sherlock Holmes, com seu boné de viagem de abas protetoras para as orelhas, ia vivamente interessado na leitura de jornais da última edição que comprou na partida, na estação de Paddington. Já tínhamos passado Reading, quando pegou o derradeiro periódico e me estendeu a charuteira.

— Vamos em excelente marcha — comentou. — Neste momento, a nossa velocidade é de cem quilômetros por hora.

— É? Não tenho reparado nos postes quilométricos.

— Nem eu, mas os postes telegráficos, ao longo da linha férrea, estão a cinquenta metros uns dos outros, o que torna o cálculo fácil. Você já considerou o caso do assassinato de John Straker e do desaparecimento do *Silver Star*?⁽²⁾

— Li o que consta a esse respeito no *Telegraph* e no *Chronicle*.

— É um desses casos em que a arte do investigador se aplica melhor escolhendo hipóteses do que procurando provas. A tragédia foi tão incomum e o crime tão perfeito, que nos sobram suspeitos e hipóteses para uma infinidade de conjecturas. A dificuldade reside em separar o trigo do joio; extrair a verdade da fantasia dos repórteres e dos teóricos. Só com uma base exata poderemos chegar a conclusões positivas.”

Após uma pausa, elucidou:

— Na terça-feira à noite, tanto o coronel Ross, dono do cavalo, como o inspetor Gregory, que está encarregado do caso, enviaram-me telegramas solicitando a minha cooperação.

— Na terça? Por que não partiu ontem?

— Porque cometi um erro, ocorrência que me é mais freqüente do que podem pensar as pessoas que lêem as suas crônicas, meu amigo.

A verdade é que me custava acreditar ser possível que o mais famoso cavalo de Inglaterra pudesse permanecer tanto tempo oculto, especialmente numa zona em que as habitações se encontram tão dispersas como em Dartmoor.

⁽²⁾ “*Estrela de Prata*”, nome de um cavalo de corrida. (N. do T.)

Esperei, até ontem, que o cavalo fosse reencontrado e que seu raptor fosse também o assassino de Straker. Entretanto, verifiquei que se limitaram a prender o jovem Fitzroy e compreendi ter chegado o momento de entrar em ação. De qualquer modo, não perdi inteiramente o dia de ontem.

— Já formou uma opinião?

— Pelo menos, reuni os fatos essenciais. Vou enumerá-los, porque expor as hipóteses a uma outra pessoa ajuda a raciocinar.

Recostei-me no banco, expelindo fumaças do charuto, enquanto Holmes, inclinando-se ligeiramente para diante, começou a examinar as linhas da palma da mão esquerda e a descrever-me os acontecimentos:

— O *Silver Star* é da mesma estirpe que o *Isonomy* e, tal como este seu antepassado, mantém um brilhante recorde de vitórias. Está no seu quinto ano de atividade e conquistou todos os primeiros prêmios do turfe para o seu afortunado proprietário, coronel Ross.

Até desaparecer, era considerado o principal favorito, como sempre o foi nas corridas anteriores. Agora, nesta Copa Wessex, a cotação a seu favor era de três contra um. Evidentemente, muitos indivíduos, entre concorrentes e apostadores, estariam interessados em impedir que ele ganhasse, na terça-feira.

Este fato já foi admitido em King's Pyland, onde se situam o estábulo e o campo de treinos do coronel. Todas as precauções tinham sido tomadas.

John Straker que, como jóquei, já defendeu as cores do coronel antes de se tornar muito pesado para a balança de classificação, era o treinador do *Silver Star*.

Havia servido cinco anos como jóquei e sete como treinador, e sempre se mostrou zeloso e honesto.

Como o estábulo era pequeno, apenas com quatro cavalos corredores, bastavam três tratadores. Um deles tinha a seu cargo a vigilância noturna, enquanto os outros dois dormiam por cima do estábulo. Todos tinham manifestado excelente caráter.

John Straker, que era casado, morava a duzentos metros dali. Não tinha filhos e vivia confortavelmente, mantendo uma criada ao seu serviço.

O lugar é muito solitário e só a meio quilômetro ao norte se encontra uma vila, construída pelo empreiteiro de Tavistock e destinado a abrigar inválidos e pessoas que ali vão se beneficiar dos bons ares de Dartmoor.

A vila de Tavistock fica a dois quilômetros, mais para oeste; do lado oposto da planície, também a cerca de dois quilômetros, situa-se o estábulo de *Mapleton*, pertencente a lorde Backwater e cujo campo de treino é dirigido por Silas Brown.

O resto das imediações é totalmente despovoado, com exceção da ocupação esporádica de uma caravana de ciganos.

Na segunda-feira passada, os cavalos do coronel tinham sido treinados e lavados, como de costume, e às nove horas foram recolhidos, sendo o estábulo fechado à chave.

Enquanto um dos cavaleiros ficou de guarda, os outros dois foram à casa do treinador para jantar, na cozinha. Pouco depois das nove, a criada, Edith Baxter, desceu ao estábulo com um prato de guisado de carneiro, para o vigilante. Levava uma lanterna, porque o caminho, que atravessava um terreno baldio, estava muito escuro; e não lhe levou nenhuma bebida porque, estando de guarda, o rapaz só podia beber água, e para isso tinha uma torneira à mão.

Quando se encontrava a uns trinta metros do estábulo, viu surgir da escuridão um homem de aparência distinta. À luz da lanterna, Edith notou que o recém-chegado vestia um terno cinzento de dois tons e usava boné; tinha as pernas protegidas por polainas e apoiava-se numa bengala com castão metálico. Não deveria ter mais de trinta anos, e a criada achou-o extremamente pálido e nervoso.

— Pode me dizer onde estou? — perguntou o desconhecido. — Perdi-me e já pensava em dormir ao relento, quando vi a luz da sua lanterna.

— Está perto do estábulo de King's Pyland.

— Sim? Então estou com sorte! Isso que está levando aí deve ser para o guarda da noite, não?... Pois bem, se quiser ganhar umas coroas para comprar um vestido... Não é orgulhosa, não?... Basta que lhe entregue este “recado”.

E o homem tirou um pequeno papel do bolso do colete.

— Terá o mais belo vestido que possa imaginar.

Edith Baxter estranhou a excitação do desconhecido e fugiu em direção à janela, através da qual costumava entregar a comida do vigilante. Este, chamado Hunter, estava sentado a uma pequena mesa e a criada começou a lhe contar o que aconteceu quando o homem se aproximou.

— Boa noite! — saudou, espreitando pela janela. — Queria falar com você.

Edith viu que ele conservava o papel, fechado na mão dele.

— Sobre o quê? — sondou Hunter.

— De um negócio que o fará ganhar um bom dinheiro. Basta que me dê uma informação a respeito desses dois cavalos que aí estão e se encontram inscritos na corrida da Copa Wessex: o *Bayard* e o *Silver Star*. É verdade o que consta, de que o Bayard pode ganhar do *Silver Star*, dez metros em duzentos, e que o coronel apostou nele todo o seu dinheiro?

— Ah! Você é um desses espões de apostas, hem? — respondeu o moço — Já lhe mostro como tratamos aqui gente da sua laia!

Levantou-se, de um salto e foi soltar o cão de guarda.

Edith ainda viu o homem debruçado sobre o peitoril da janela, mas, quando Hunter voltou com o cão, o intruso já tinha desaparecido.

— Um momento! — intervim — O rapaz, ao sair do estábulo, deixou a porta aberta?

— Excelente observação, Watson! Eu próprio pensei nisso e mandei um telegrama perguntado sobre esse detalhe. Porém, informaram-me de que Hunter fechou a porta e que a janela era pequena demais para um homem poder passar por ela.

Hunter esperou que Edith fosse chamar os dois parceiros de estábulo e, quando estes chegaram, mandou um deles informar Straker do sucedido.

O treinador ficou inquieto, e sua esposa, tendo acordado à uma da manhã, verificou que o marido começou a se vestir, explicando que não conseguia dormir, preocupado com os cavalos, e que ia descer ao estábulo. Como a chuva tinsse nas vidraças, a mulher pediu-lhe que ficasse em casa, mas o treinador pôs a capa e saiu.

Às sete horas da manhã, a sra. Straker notou que o marido ainda não tinha regressado. Vestiu-se depressa, chamou Edith e correu ao estábulo. Encontrou Hunter inerte, provavelmente consumido pelo desespero, e verificou que o *Silver Star* desaparecera. O marido também não se encontrava ali.

Então foi acordar os outros dois cavaleiros que dormiam no palheiro, por cima do depósito dos arreios. Estes nada tinham ouvido. Interrogaram Hunter e concluíram que o rapaz tinha sido drogado. Deixaram-no ali, no seu torpor, e todos correram a chamar o coronel. Este ainda teve esperanças de que o treinador tivesse saído para passear o cavalo. Porém, subindo a um monte, acima da planície, não viu o homem nem o animal. Apenas enxergou um objeto que lhe prenunciou a tragédia: a duzentos metros, jazia a capa de Straker, sobre um arbusto.

Um pouco mais além, numa depressão do terreno, encontrou o cadáver do treinador. Tinha o crânio esmagado por um objeto contundente e uma das coxas ferida por um instrumento cortante. Era evidente que Straker havia resistido, pois ainda segurava uma navalha fina, cujo cabo apresentava sangue já coagulado; na outra mão, segurava um lenço de pescoço, vermelho e negro, que Edith identificou como sendo o que o desconhecido usava na noite anterior.

Ao despertar da sua sonolência anormal, Hunter confirmou categoricamente essa identificação e admitiu que o intruso teria colocado qualquer droga no seu guisado de carneiro.

Havia muitas marcas dos cascos do *Silver Star* no local onde a luta teria ocorrido... Mas o animal nunca mais foi visto.

Embora tivesse sido oferecida uma boa recompensa e os ciganos de Dartmoor se tivessem colocado de vigia, não se obtiveram quaisquer notícias. A análise do prato de Hunter comprovou a presença de um narcótico que não se achava no guisado ingerido pelas outras pessoas.

Estes são, meu caro Watson, os principais fatos objetivos. Agora, recapitulemos as investigações da polícia. O inspetor Gregory, encarregado do inquérito, é um profissional indiscutivelmente competente embora de imaginação bastante limitada. Ao chegar a Dartmoor, prendeu imediatamente o homem sobre quem recaíam as suspeitas: um tal Fitzroy Simpson, de ascendência nobre e bem educado; esbanjou a fortuna nas corridas e passou a sobreviver de apostas modestas, nos clubes desportivos londrinos.

Ao ser examinada a sua caderneta de apostas, verificou-se que tinha investido cinco mil libras num outro cavalo, adversário do *Silver Star*... E, ao ser preso, declarou ter ido a Dartmoor na esperança de obter informações sobre os cavalos de King's Pyland: *Bayard* e *Silver Star*. E também do *Desborough*, segundo favorito, do estábulo de Mapleton, treinado por Silas Brown.

Quando lhe exibiram o lenço de pescoço, ficou lívido e não soube explicar como ele apareceu na mão do cadáver. A sua roupa molhada provava que tinha passado a noite ao relento, e a bengala, com castão de chumbo, era uma arma suficientemente pesada para ter esmagado o crânio de Straker.

Embora a faca que Straker segurava estivesse ensangüentada, Fitzroy não apresentava nenhum ferimento. Este fato levou Gregory a admitir que talvez houvesse um cúmplice que fora golpeado.

Após este resumo, Watson, gostaria que me desse o seu parecer.

— Não seria possível — sugeri — que o ferimento na coxa de Straker tivesse sido provocado pela sua própria navalha, durante a luta?

— É mais do que possível: é mesmo provável — considerou Holmes —, e constitui um argumento a favor do acusado.

— O que a polícia acha disso?

— Gregory pensa que Fitzroy drogou Hunter para, em seguida, com uma chave falsa, abrir a porta do estábulo e fugir com o cavalo. Como

também desapareceu a sela do *Silver Star*, pode ser que Fitzroy Simpson a tenha posto no animal para poder levá-lo dali. Porém, teria sido surpreendido pelo treinador e matou-o com a bengala.

— E onde se encontra o cavalo?

— Ou Simpson o escondeu em algum barracão, ou o animal fugiu e anda em liberdade pela planície... Mas tudo isto é muito improvável, como também são as muitas hipóteses que têm sido levantadas. Só examinando o local poderei encontrar uma explicação plausível.

Já começava a anoitecer quando chegamos à pequena vila de Tavistock, que se apresenta como um *umbo* ⁽³⁾ de escudo, no centro da vasta área de Dartmoor.

Na estação, achavam-se dois cavalheiros à nossa espera. Um deles era um sujeito atraente de barba e farta cabeleira, com olhos azulados e penetrantes; o outro, baixo e de aspecto agradável, com pequenas costeletas bem-tratadas e óculos de aros metálicos, usava casaca e polainas. O primeiro era o inspetor Gregory, que estava ganhando fama no corpo de detetives da polícia, e o segundo, o coronel Ross, conhecido desportista do turfe.

— Ainda bem que veio, sr. Holmes — saudou o coronel. — Creio que o nosso inspetor já fez tudo quanto o meu amigo lhe poderia ter sugerido, mas não quero deixar de empregar todos os meios para vingar a morte de Straker e recuperar o meu cavalo.

— Lamento reconhecer que temos progredido bem pouco — confessou o inspetor. — Tenho ali um *break* ⁽⁴⁾ à nossa espera, para o caso de os senhores desejarem ver o local do crime antes que seja noite. Podemos conversar no caminho.

Momentos depois, rodávamos pela velha e típica vila do Devonshire. O inspetor Gregory, obcecado pelo inquérito, apresentava-nos um dilúvio de hipóteses. Holmes, de vez em quando, fazia uma pergunta ocasional. O coronel, de braços cruzados e o chapéu tombado para os olhos, recostara-se no assento e, tal como eu, escutava o diálogo dos dois detetives. A teoria formulada por Gregory correspondia, quase exatamente, à que Holmes me expusera no trem.

— Fitzroy está bem enredado no caso, e estou certo de que é o criminoso. Contudo, reconheço que as provas acusatórias são meramente circunstanciais...

⁽³⁾ *Protuberância central de um escudo de combate, cônica ou hemisférica. (N. do T.)*

⁽⁴⁾ *Carro de quatro rodas, aberto, puxado por uma parrelha de cavalos. (N. do T.)*

— E quanto à navalha de Straker? — indagou Holmes.

— Bem... chegamos à conclusão de que ele próprio se feriu na queda, tanto mais que Simpson não possuía qualquer arma branca. As provas contra ele parecem pertinentes, pois tinha interesse em que o *Silver Star* não corresse. Não há dúvida de que estava armado com a bengala de castão e de que permaneceu toda a noite na chuva. Por outro lado, recaí sobre ele a suspeita de ter drogado o cavaliário. Creio que estas provas, embora circunstanciais, sejam suficientes para fazê-lo comparecer perante um júri.

Holmes abanou a cabeça.

— Contudo — objetou —, um raciocínio bem-estruturado por parte da defesa poderá reduzir essas provas a meras suspeitas. Por exemplo, por que motivo Simpson não inutilizou o cavalo dentro do estábulo e correu o risco de levá-lo de lá? Encontraram qualquer chave falsa em seu poder? Quem lhe forneceu a droga narcotizante? E sendo, como é, um estranho no condado, onde poderia esconder um cavalo. Sobretudo um cavalo tão célebre como aquele? Que explicação dá ele para o papel que tinha fechado na mão?

— Declarou tratar-se de uma nota de dez libras para pagar pela informação e, na verdade, a encontramos dobrada em seu poder. Além disso, não é tão estranho na região como se possa supor. No verão passado, instalou-se duas vezes em Tavistock. Provavelmente comprou o narcótico numa farmácia de Londres. Quanto à chave, deve tê-la jogado fora. E o cavalo... quem sabe se não estará no fundo de algum fosso, ou numa velha mina?

— Que diz ele sobre o lenço de pescoço?

— Reconhece ser seu, mas afirma tê-lo perdido.

Após uma pausa, acrescentou:

— Mas surgiu um novo elemento que pode explicar terem tirado o cavalo do estábulo.

Holmes mostrou-se interessado.

— Encontramos vestígios — prosseguiu Gregory — de uma caravana de ciganos ter acampado na noite de segunda-feira, a um quilômetro do local do crime. Portanto, presumindo que Simpson tivesse combinado previamente com eles, podia ter-lhes entregue o cavalo.

— É admissível.

— A planície foi examinada de uma ponta a outra, e revistei todas as estrebarias e estábulos numa área de dez quilômetros ao redor de Tavistock.

— Há um outro estábulo nas redondezas de King's Pyland Mapleton, não é assim?

— Exatamente. Não desprezei esse fator. Como o cavalo desse proprietário era o segundo cotado no turfe, podia haver interesse no desaparecimento do favorito. Averiguamos que o treinador Silas Brown também apostou uma grande quantia nesse *Desbrough*. Ainda por cima, detestava Straker. Mas revistamos o estábulo de Mapleton e nada encontramos.

— Não estará Simpson relacionado com os interesses do dono do *Desbrough*?... Ou com Brown?

— Não existe a menor relação entre eles.

Holmes recostou-se no assento e a conversa parou. Minutos depois, o cocheiro conduzia o *break* para uma elegante residência de tijolos vermelhos e varandas salientes. Não muito distante, erguia-se outro edifício de telhado cinzento. Em redor, a planície e algumas depressões verdejantes estendiam-se pelo horizonte, onde apenas se erguiam as torres da igreja de Tavistock e, a oeste, um casario: Mapleton.

Descemos do *break*, com exceção de Holmes, que permaneceu recostado com os olhos fixos no céu, meditativamente. Só quando lhe toquei no braço foi que pareceu “acordar” e saltou do carro.

Voltando-se para o coronel Ross, desculpou-se:

— Não leve a mal, mas, às vezes, costumo sonhar acordado.

A excitação que notei no seu olhar indicava-me que teria descoberto qualquer coisa.

— Não quer ir já ao local do crime, sr. Holmes?

— Preferiria fazer primeiro algumas perguntas quanto a meros pormenores. Removeram o corpo de Straker para esta casa, não foi?

— Sim. Está lá em cima. O inquérito policial realiza-se amanhã.

— Ele esteve ao seu serviço durante vários anos, coronel Ross?

— Sim. Era um excelente empregado.

— Espero, inspetor, que tenham feito um inventário do que ele trazia nos bolsos, quando foi encontrado.

— Certamente. Tenho as suas coisas na sala. Deseja vê-las?

— Gostaria muito.

Entramos na sala da frente e nos sentamos ao redor da mesa, enquanto o inspetor abria uma caixa de folha de zinco e espalhava vários objetos

diante de nós: uma caixa de fósforos; um pedaço de vela de espermacete; um cachimbo *bryar*⁽⁵⁾, com marca de fabricação *ADP*; uma bolsa de pele de foca, com meia onça de tabaco *Cavendish*; um relógio de prata, com corrente de ouro; cinco soberanos de ouro; uma lapiseira de alumínio e, finalmente, uma navalha com cabo de marfim, de lâmina muito fina, flexível e extremamente afiada, com a marca “Weiss Co., London”.

— É um utensílio muito curioso — observou Holmes. — Pelas manchas de sangue, suponho que foi a arma encontrada na mão de Straker... Repare nela, Watson. Parece mais um escalpelo da sua profissão.

— Efetivamente — confirmei —, trata-se de um instrumento conhecido como escalpelo de cataratas... Um bisturi de cirurgia.

— Ora! Uma lâmina delicada, destinada a um trabalho igualmente delicado. Uma arma realmente estranha para ser levada no bolso, como defensiva!

Gregory esclareceu:

— Devia ter a ponta protegida por uma rolha de cortiça que encontramos junto do cadáver. A sra. Straker declarou ter visto esse escalpelo no banheiro, e que o marido levou-o com ele quando saiu. Realmente, como arma, deixa muito a desejar, mas provavelmente foi o melhor que, na pressa, encontrou à mão — admitiu o inspetor.

— É possível... E esses papéis?

— Três deles são recibos de fornecedores de feno. Esse aí é uma carta com instruções dadas pelo coronel Ross. Quanto a esse, trata-se de uma conta de modista, no valor de vinte guinéus, passada pela mme. Lesurier, da Bond Street, em nome de William Derbyshire. Bem... A sra. Straker esclareceu que esse Derbyshire era um amigo do marido, cujas cartas por vezes vinham endereçadas para cá.

Examinando a conta, Holmes comentou:

— A mulher desse Derbyshire tem gostos bastante caros! Vinte guinéus é um preço exagerado para um só vestido. Entretanto, como não há mais nada de interessante, talvez seja hora de darmos uma olhada no local do crime.

À saída da sala, uma mulher, que permaneceu junto à porta, tocou no braço do inspetor com uma expressão transtornada no rosto magro.

⁽⁵⁾ Geralmente conhecido, em Portugal, pela designação francesa de “bruyère”: raiz de roseira brava. (N. do T.)

— Conseguiu apanhá-los?

— Ainda não, sra. Straker — disse Gregory.

— Este senhor, o sr. Holmes, veio de Londres para auxiliar-nos nas investigações.

Holmes, fitando a viúva, interveio:

— Tenho a impressão de que já a vi, há algum tempo, numa feira, em Plymouth!

— Oh, não... O senhor está enganado.

— Pois poderia jurar! A senhora, sra. Straker, não tem um vestido de seda, “peito de rola”, enfeitado com plumas de avestruz?

— Nunca tive um vestido assim!

— Nesse caso, fiz confusão. Queira me desculpar.

E Holmes saiu atrás do inspetor.

Após uma breve caminhada pela planície, chegamos à depressão de terreno onde foi encontrado o cadáver. Perto dali, via-se o arbusto onde acharam a capa de chuva de Straker.

— Pelo visto, naquela noite não havia vento — considerou Holmes.

— Vento? Não. Mas chovia a cântaros.

— Nesse caso, a capa não foi levada pelo vento, mas foi colocada ali.

— Deve ter sido isso...

— Estou realmente interessado. O solo foi muito pisado. Desde a noite de segunda-feira muita gente andou por aqui?

— Bem... Tivemos o cuidado de estender uma esteira e temos passado por cima dela.

— Excelente!

— Tenho aqui neste saco uma das botas que Straker usava quando foi morto, um dos sapatos de Fitzroy Simpson e a ferradura perdida pelo *Silver Star*.

— Magnífico trabalho, inspetor!

Holmes pegou o saco, ajeitou a esteira e deitou-se sobre ela. Depois, apoiando o queixo nas mãos, começou a estudar o barro do solo.

Subitamente, exclamou:

— Olha! Que é isto?

Era um fósforo, meio queimado, tão sujo daquela lama argilosa que à primeira vista parecia uma lasquinha de madeira.

— Como isso me passou despercebido? — lamentou o inspetor, desolado.

— Porque estava enterrado na lama. Encontrei-o, porque o procurava.

— O quê?... Esperava encontrá-lo aí?

— Era provável que o tivessem usado.

Tirou as botas do saco e comparou as solas de cada uma com as pegadas impressas no chão. Depois, saiu curvado, examinando a depressão do terreno, e começou a se arrastar por entre os arbustos.

— Não deve haver mais vestígios — advertiu o inspetor. — Examinei cuidadosamente estes cem metros ao redor.

— Tem razão, sr. Gregory! — respondeu Holmes, erguendo-se e limpando os joelhos. — Não considere impertinência minha ter procurado encontrar algum vestígio depois da sua busca, mas não sabia que já a tinha feito. Mas, antes do escurecer, gostaria de dar uma volta pela planície, para conhecer bem o terreno. De resto, gosto de ver as árvores... quando não há um inimigo escondido atrás delas, para nos saltar em cima...

Soltou uma gargalhada seca, que achei inoportuna, e acrescentou sorrindo:

— Vou levar comigo esta ferradura, para me dar sorte.

E meteu-a no bolso do casaco.

O coronel Ross, que já tinha se mostrado impaciente com o método lento do meu companheiro, olhou para o relógio e declarou:

— Quero que volte comigo, inspetor, pois gostaria de lhe falar sobre alguns assuntos, especialmente, se devo ou não retirar da inscrição na taça o nome do *Silver Star*.

— Não deve fazer uma coisa dessas, coronel! — interveio Holmes, com decisão. — O seu cavalo pode aparecer a tempo de competir.

Ross fez uma reverência.

— Agrada-me ouvir a sua opinião. Quando terminar o seu passeio, poderá se encontrar conosco na casa de Straker e depois iremos juntos para Tavistock.

Afastou-se com Gregory, enquanto Holmes e eu começamos a passear pelo declive da planície arborizada. O sol já declinava por detrás do estábulo de Mapleton, e a zona da planura horizontal, sem árvores, destinada a pastagem, estendia-se com reflexos dourado-avermelhados da sarça e do tojo. O meu amigo, alheio à beleza da paisagem, seguia meditativo.

— É este o caminho, Watson: devemos pôr de lado, momentaneamente, o assassinato de Straker e limitar-nos a tentar descobrir o que aconteceu ao cavalo.

Supondo que fugiu, durante ou depois da luta, para onde teria ido? Os cavalos são animais que vivem em bando. Portanto, o instinto do *Silver Star* o teria levado a King's Pyland ou para Mapleton, onde há outros cavalos. Até os pôneis selvagens vivem em manada... Por que este animal teria fugido solitário, através da planície, sem destino certo e sem sentir o apelo dos estábulos?

Mesmo que isso tivesse acontecido, decerto já teria sido visto em qualquer lugar, nem que fosse a distância. Um cavalo não é uma toupeira!

Quanto à hipótese de os ciganos o terem levado, considero-a bem pouco aceitável. São indivíduos que, quando ocorrem crimes, se afastam logo do local para evitarem problemas com a polícia. De resto, seria difícil vender um cavalo tão conhecido e facilmente identificável pelos entusiastas do turfe; mais difícil ainda seria escondê-lo, arriscando-se a um grande perigo com improvável proveito.

— Nesse caso, onde diabo se meteu?

— Se não está em King's Pyland, deve ter ido para Mapleton. Consideremos esta hipótese como primordial no nosso inquérito. Como vê, Watson, o solo desta parte arborizada da planície é bastante seco e duro. Aquela área de pastagem de Mapleton ainda deve, contudo, estar impregnada da água da chuva de segunda-feira. Se a nossa hipótese estiver certa, o *Silver Star* deve tê-la atravessado e, conseqüentemente, deixado o seu rasto.

Tínhamos descido com rapidez aquela zona da planície em ligeiro declive, e, em poucos minutos, entramos na planura do vale. Ainda não tínhamos percorrido cinquenta metros em terreno de pastagem e Holmes já apontava para o chão, alvoroçado.

— Veja, Watson!

Na terra macia, já de humo e não argila refratária, notava-se claramente o rasto de um cavalo. O meu amigo tirou do bolso a ferradura do *Silver Star* e comparou-a com os moldes cavados no chão. Verificamos que se adaptava perfeitamente a um deles: ao da pegada de um “anterior” direito.

— Eis o valor da imaginação! — exultou Holmes. — É a única qualidade que falta a Gregory, demasiado prático. Imaginamos o que poderia ter acontecido e, pelo método da indução, a partir de uma hipótese, fomos recompensados.

Atravessamos o campo de pastagem e, a trezentos metros, penetramos num terreno de turfa, mais rijo e seco, também em ligeiro declive. Mas ainda se viam traços da passagem do cavalo, que perdemos durante cerca de meio quilômetro, para voltarmos a encontrar, já perto de Mapleton.

Holmes tornou a apontar para o chão, onde se viam agora, ao lado do rasto do animal, as pegadas de um homem.

— Isso significa que, a princípio, o *Silver Star* correu sozinho — sugeri —, até que alguém o apanhou.

— Perfeitamente, Watson. Agora, repare...

O duplo rasto descrevia uma curva, como se homem e animal tivessem regressado, na direção de King's Pyland. Contudo um pouco mais adiante, as mesmas pegadas dirigiam-se para o estábulo de Mapleton.

Nesse momento, apareceu um criado, que gritou:

— Não queremos vagabundos por aqui!

— Pretendo apenas fazer-lhe uma pergunta — sossegou-o Holmes, metendo o indicador e o polegar no bolso do colete. — Acha que amanhã às cinco horas será cedo demais para eu falar com o seu patrão, sr. Silas Brown?

— Ele é sempre o primeiro a se levantar... Olhe, aí vem ele para poder responder às suas perguntas... Não, não quero esse dinheiro, senhor! Se ele visse isso, me despediria... Talvez em outra hora... mais tarde... se o senhor ainda estiver com essa disposição...

Enquanto Sherlock Holmes acabava de guardar a meia coroa que tirou do bolso do colete, apareceu no portão um homem de meia idade, de aparência feroz, agitando um chicote de caça.

— O que foi, Dawson? — bradou. — Tagarelando? Volte para o seu trabalho... E os senhores, que desejam daqui?

— Apenas alguns minutos de sua atenção — respondeu Holmes, o mais brandamente possível.

— Não tenho tempo para falar com estranhos. Não os queremos por aqui. Ou vão embora ou solto o cão atrás de vocês!

Então, Holmes, inclinando-se para o ouvido do treinador, disse-lhe qualquer coisa que o fez corar:

— Isso é mentira! — gritou.

— Como queira. Prefere que o interrogue aqui ou em sua casa?

— Bem... é melhor entrar.

Holmes sorriu e comunicou-me:

— Não o farei esperar mais do que alguns minutos, Watson.

A cor purpúrea do poente já estava com um tom acinzentado quando Holmes reapareceu, vinte minutos mais tarde, acompanhado por Brown, extremamente pálido; a mão que segurava o chicote tremia. Apesar do ar fresco, ele suave, e as suas maneiras arrogantes tinham dado lugar a uma atitude humilde, quase como a de um cão que segue o dono.

— Pode ficar descansado, senhor, que as suas ordens serão cumpridas! — proferiu, dirigindo-se ao meu amigo.

— Desde já o aviso de que não aceito enganar, ouviu? — ameaçou Holmes.

— Pode ficar descansado — repetiu o treinador de Mapleton. — Vai estar lá. Quer que o mude, primeiro?

Holmes, após uma hesitação momentânea, riu e decidiu:

— Não, não o mude. Leve-o tal como está. Depois lhe escrevo a este respeito.

— Pode contar comigo, senhor!

Apertaram as mãos, e Holmes e eu regressamos a King's Pyland.

— Raras vezes — comentou o meu amigo — encontrei um conjunto tão perfeito de ameaça, roubo e covardia, como na índole deste “patrão” Brown!

— Tem o cavalo em seu poder?

— A princípio tentou negar, mas eu reconstituí com tal realidade o que aconteceu que o homem se convenceu de que eu havia assistido a toda a fraude. Certamente, Watson, você reparou que a forma quadrada das pegadas se ajustava perfeitamente às botas do treinador. Além disso, um golpe desta natureza não poderia partir de um simples criado. Como Brown é sempre o primeiro a se levantar, foi ele quem encontrou o cavalo nestas pastagens e reconheceu-o pela mancha branca da testa que lhe deu o nome de “estrela” ⁽⁶⁾.

⁽⁶⁾ “Estrela” (em inglês, *star*), é a designação hipológica para uma malha branca na testa de um equídeo. (N. do T.)

O acaso colocou em seu poder o único cavalo que poderia vencer o *Desbourough* na Copa Wessex e em que apostou todo o seu dinheiro. Ainda pensara em devolvê-lo ao coronel Ross, mas acabou por ceder à tentação e escondeu-o em Mapleton.

— Mas Gregory disse que o estábulo de Mapleton foi revistado.

— Foi, mas um velho ladrão de cavalos tem astúcia de sobra.

— E você, Holmes, não receia que esse patife mantenha o cavalo em seu poder, já que só tem interesse em prejudicá-lo?

— Agora, meu amigo, verá que Brown cuidará dele como se fosse o seu bem mais precioso, pois sabe que essa é a sua única salvação.

— Ross não me parece um homem que perdoa facilmente.

— O caso já ultrapassa o coronel. Este tem se mostrado frio comigo, por isso vou me divertir um pouco à sua custa. Não fale do cavalo. Agora o que realmente importa é descobrir quem matou Straker.

— Vai tratar disso agora?

— Não, meu amigo. Vamos regressar a Londres no próximo trem.

Ao chegarmos a King's Pyland fomos encontrar o coronel e o inspetor à nossa espera. Holmes comunicou que partiríamos para a capital.

Gregory olhou-o atônito e o coronel ironizou:

— Então, já perdeu as esperanças de encontrar o assassino de Straker?

— Nem tudo é fácil de resolver de um momento para outro... Mas tenho esperança de que o seu cavalo vença a corrida da Copa Wessex, na próxima terça-feira. Portanto, convém que previna seu jóquei, e agora peço-lhe que me arranje uma fotografia de John Straker.

— Tenho uma aqui — disse o inspetor, estendendo-a a Holmes.

— Você, meu caro Gregory, antecipa todos os meus desejos. Permittem-me que eu faça uma pergunta à sra. Straker?

Quando Holmes saiu, o coronel exprimiu o seu desapontamento:

— Parece que não avançou um único passo!

— Pelo menos, deu a entender que o *Silver Star* poderá correr na Taça.

— Deu-me uma quase garantia, mas eu preferia que me apresentasse o cavalo.

Nesse momento, Holmes voltou à sala, anunciando:

— Estou pronto para partir para Tavistock.

Quando um criado nos abriu a porta do *break*, Holmes, antes de subir para a viatura, perguntou-lhe:

— Têm aqui um curral com ovelhas?

— Sim, senhor.

— Notaram alguma anormalidade nelas?

— Sim, senhor. Três apareceram mancas.

Subimos para o *break* e notei que Holmes parecia radiante.

— Foi uma ótima descoberta, Watson! — confidenciou e, virando-se para Gregory, que no pátio se despedia de nós, recomendou:

— Chamo a sua atenção para essa epidemia que se alastra entre os ovinos de King's Pyland.

— É um fator importante?

— Fundamental. Assim como convém examinar o estranho comportamento do cão na noite do crime.

— Mas o cão não fez nada! — admirou-se Gregory.

— Por isso mesmo.

Quatro dias depois, Holmes e eu tomávamos novamente o trem de Winchester, para assistirmos às corridas da Copa Wessex. O coronel Ross já nos esperava do lado de fora da estação e nos conduziu ao hipódromo, nos arredores da cidade. A sua atitude para com Holmes ainda era mais fria.

— Continuo sem notícias do meu cavalo — observou.

— Se o vir, será capaz de reconhecê-lo?

— Certamente. Há vinte anos que estou envolvido com o turfe e nunca alguém ousou me fazer uma tal pergunta! Com a sua cana ⁽⁷⁾ direita com pêlos brancos no meio e com a sua estrela, o *Silver Star* torna-se inconfundível. Até uma criança seria capaz de identificá-lo.

— Como estão as apostas?

— Está acontecendo um fenômeno curioso: ontem de manhã, a cotação ainda era de quinze contra um, a favor do *Silver Star*, mas caiu à tarde e hoje não se consegue mais do que três contra um.

⁽⁷⁾ Parte inferior dos membros de um equídeo, correspondente ao tarso, entre o joelho e o boleto. (N. do T.)

— Nesse caso — admitiu Sherlock Holmes —, não há dúvida de que alguém sabe o que está acontecendo.

O *break* aproximou-se da cerca do hipódromo e pude ler o cartaz exposto:

COPA WESSEX INSCRIÇÕES

1º Prêmio: 500 libras — 2º Prêmio: 300 libras — 3º Prêmio: 200 libras.

Nova pista de dois quilômetros e seiscentos metros

CONCORRENTES

- 1 — *Black*, do sr. Heath Newton (boné vermelho; jaqueta cor de canela).
 - 2 — *Boxer*, do coronel Wardlaw (boné cor-de-rosa; jaqueta tarjada de azul e negro).
 - 3 — *Desborough*, de lorde Backwater (boné amarelo; jaqueta negra com mangas amarelas).
 - 4 — *Silver Star*, do coronel Ross (boné preto; jaqueta vermelha).
 - 5 — *Íris*, do duque de Balmoral (boné e jaqueta listrados de negro e amarelo).
 - 6 — *Rasper*, de lorde Singlefard (boné púrpura; jaqueta púrpura com mangas negras).
-

— Como vê — lamentou-se o coronel —, depositamos todas as esperanças na sua informação e agora... Mas, que é aquilo? O *Silver Star* novamente favorito?... Então o meu cavalo vai correr!

Soou a campainha para alinhamento dos cavalos e Ross, excitado, apontava para a pista.

— Não vejo o meu cavalo! O *Silver Star* não está...

— Só entraram cinco, coronel. Ainda falta um — observou Holmes.

Finalmente, o último cavalo entrou na pista e logo Ross protestou:

— Mas o que é aquilo? Aquele cavalo não é o meu!

Efetivamente, tendo saído do recinto da pesagem, apareceu um azão montado por um jóquei que usava as cores vermelha e negra do coronel.

— Aquele não é o *Silver Star*! — reclamou Ross, indignado. — Não apresenta um único pêlo branco na cana direita... e não tem a estrela! Que idéia foi a sua, sr. Holmes?

Imperturbável, o meu amigo respondeu:

— Agora, só nos resta ver como ele se comporta.

Observando a partida pelo meu binóculo, Holmes soltou uma exclamação de alegria:

— Bravo! Uma arrancada excelente... Já contornam a primeira curva...

Os cavalos corriam juntos, mas, percorrida meia pista, o jóquei de amarelo do estábulo de Mapleton tomou a dianteira.

Desborough era realmente rapidíssimo, mas subitamente foi alcançado pelo jóquei vermelho e negro, que ultrapassou o guia e acabou vencendo por seis corpos. O *Íris* do duque de Balmoral apenas alcançou o terceiro lugar.

— O que é isso! — espantava-se Ross. — De qualquer maneira, a corrida é minha. Foram as minhas cores que venceram... Creio, sr. Holmes, que já é tempo de esclarecer este mistério.

— Tem razão coronel, mas primeiro vamos ver o seu cavalo.

Momentos depois entrávamos pela passagem unicamente reservada aos proprietários dos cavalos concorrentes e convidados.

— Agora, coronel, para recuperar o seu *Silver Star*, terá de lavar a testa e a cana direita deste magnífico animal com álcool ou simplesmente com vinho.

— Estou abismado! Que diabo aconteceu?

— Encontrei o *Silver Star* em poder de um patife e tomei a liberdade de fazê-lo participar na corrida, como estava estipulado.

— Não há dúvida, sr. Holmes, de que me prestou um serviço inestimável, ao descobrir meu cavalo. Agora, só falta identificar o assassino de John Straker.

— Já o fiz — respondeu Holmes calmamente.

O coronel e eu o fitamos, espantados.

— Já o caçou?... Mas onde está ele?

— Aqui mesmo, junto de mim neste momento.

O coronel Ross corou de raiva e retorquiu com firmeza:

— Reconheço, sr. Holmes, que lhe devo alguns favores, mas o que acaba de insinuar é uma brincadeira de péssimo gosto ou um insulto!

— Asseguro-lhe, coronel, que não o associei ao crime. O verdadeiro assassino está exatamente atrás do senhor!

— O cavalo! — exclamamos juntos, Ross e eu.

— Precisamente. E a sua culpa tem atenuantes, se considerarmos que agiu em legítima defesa. Só lhe digo, coronel, que John Straker era um homem indigno da sua confiança.

Mas, neste momento, os cavalos já estão alinhados para a segunda prova e eu vim aqui para ganhar algum dinheiro. Deixemos a explicação do caso para uma ocasião mais propícia.

No nosso regresso a Londres, numa cabine do trem noturno, a viagem nos pareceu bastante curta, ao coronel e a mim, tão absorvidos estávamos com o relato de Holmes sobre a investigação nos estábulos de King's Pyland e de Mapleton, da região de Dartmoor.

— Se eu tivesse elaborado qualquer teoria, baseado nas reportagens dos jornais, teria errado estrondosamente. As poucas informações aproveitáveis vinham tão carregadas de pormenores inúteis, que se desvalorizavam.

Fui ao Devonshire convencido de que o culpado era Fitzroy Simpson, embora soubesse o quanto as acusações contra ele eram frágeis. Só quando seguia com vocês no *break*, perto da casa de Straker, foi que compreendi o significado do guisado de carneiro com molho.

Na realidade, o ópio em pó não é insípido, embora o seu gosto não seja desagradável. Porém seria notado num líquido ou num alimento pouco condimentado, mas naquele molho de carneiro passou despercebido.

Ora, não era lógico admitir que Fitzroy soubesse previamente que naquela noite de segunda-feira a sra. Straker iria servir tal prato aos cavaleiros. Portanto, não fazia sentido que tivesse trazido o narcótico de Londres com esse propósito.

Todos tinham comido o mesmo guisado e só uma pessoa ficou drogada. Portanto, como depois se comprovou, a droga só foi colocada no prato de Hunter que se achava de guarda ao estábulo... Quem teve acesso a esse prato, sem que a criada percebesse?

Quanto ao cão, embora estivesse no estábulo, não latiu à presença de um estranho nem se opôs a que este tivesse levado um dos cavalos. Isso significa que o intruso e o animal se conheciam bem.

Convenci-me de que foi Straker quem, na calada da noite, desceu ao estábulo e retirou o *Silver Star*. O fato de ter narcotizado Hunter indicava que o seu objetivo era desonesto, mas não seria fácil descobrir o motivo.

Tem ocorrido casos de treinadores que receberam grandes quantias, prejudicando os seus próprios cavalos para impedi-los, fraudulentamente,

de ganharem as corridas. Outras vezes, são os jóqueis que intervêm com a mesma finalidade desonesta. Pensando nisto, esperei que os objetos encontrados nos bolsos de Straker me ajudassem a chegar a uma conclusão.

A faca encontrada na mão do morto não teria sido escolhida como arma de defesa por qualquer homem sensato. Como nos esclareceu o dr. Watson, era um instrumento cirúrgico destinado a operações delicadas. Ora, Straker se havia disposto a fazer uma operação dessa natureza. Como o coronel Ross, dada a sua experiência de assuntos do turfe, sabe perfeitamente, é fácil fazer um leve corte no tendão do curvilhão de um cavalo, sem deixar vestígios. O animal passa a “harpejar” ⁽⁸⁾ ligeiramente e é natural que se atribua o fato a um esforço de treino ou a reumatismo. Ninguém pensaria que poderia se tratar de uma traição.

— O patife! — vociferou o coronel.

— Foi por esse motivo que John Straker decidiu levar o animal para a planície, pois queria evitar que alguém ouvisse o cavalo relinchar de dor ao ser picado com o tal bisturi.

— Como poderia eu imaginar uma coisa dessas? — disse o coronel. — Foi por essa razão que precisou da vela?

— Evidentemente. Ao examinar os seus objetos particulares, não só descobri o método empregado para cometer o crime, mas também tive a sorte de compreender o motivo. Uma pessoa não costuma trazer no bolso as contas de despesas de uma outra pessoa. As próprias são mais do que suficientes.

A natureza da conta indicava que uma senhora estava envolvida no caso e que os seus gostos eram bastante caros. E não seria de esperar que o treinador comprasse para a mulher um vestido de vinte guinéus. Por isso interroguei sra. Straker; que me jurou nunca ter possuído aquele vestido.

Por esse motivo, anotei o endereço da costureira e pedi que me fornecessem uma fotografia do treinador. A partir daí, seria fácil desvendar a identidade do “amigo” Derbyshire.

Straker levou o *Silver Star* para uma funda depressão do terreno, onde a luz que o iluminava não pudesse ser vista do estábulo. Encontrou o lenço de pescoço de Simpson e guardou-o, talvez até com a intenção de usá-lo para amarrar a perna do cavalo. Porém, na escuridão, quando acendeu a vela, o animal empinou,

⁽⁸⁾ *Maneira característica de coxear, erguendo demasiadamente o curvilhão, mas sem dificuldade em assentar o casco no chão. (N. do T.)*

assustado com a luz, e o seu instinto o advertiu de que corria perigo. Straker devia estar de cócoras para proteger a chama. No seu pânico, o *Silver Star* deve ter batido nele com o casco de uma pata ao empinar-se, dando-lhe um coice. O aço da ferradura fez o resto, e a pancada resultou em morte.

Para aquela delicada operação, Straker tirou a capa de chuva, que poderia prender seus movimentos. Finalmente, ao cair, o escalpelo rasgou sua coxa.

— Admirável! — exclamou o coronel. — Parece que o senhor presenciou a cena!

— Pensei também que um homem tão esperto como Straker não iria se arriscar a inutilizar o cavalo para sempre. Por isso a operação se tornava delicada. O tendão golpeado levaria apenas alguns dias para ficar curado. Assim, Straker teve de treinar em outro animal... Foi então que reparei nas ovelhas que mancavam.

Quando voltei a Londres procurei a costureira, que, pela fotografia, declarou que Straker era um excelente freguês chamado William Derbyshire, cuja mulher deveria ser muito vaidosa, pois adorava vestidos caros. Concluí que o treinador levava uma vida dupla e que tinha uma amante, que o afundava em dívidas.

— O senhor, sr. Holmes — interveio o coronel —, explicou tudo magnificamente... mas ainda não nos falou do local onde estava o cavalo.

— Tem razão, coronel Ross. Ainda espantado, o *Silver Star* fugiu e foi tratado por um dos seus vizinhos... Mas, no presente caso, é conveniente sermos um pouco tolerantes e fechar os olhos... Reparem! Já chegamos ao entroncamento de Clapham. Se não estou errado, dentro de dez minutos estaremos na estação de Victoria. Se quiser fumar um charuto em nossa casa, coronel, terei o prazer de lhe contar outros pormenores que talvez considere interessantes.

A FACE AMARELA

Ao publicar estas breves narrativas de numerosos casos em que fui espectador das invulgares qualidades do meu companheiro e em que, eventualmente, co-participei, é natural que me detenha mais nos seus êxitos do que nos seus fracassos. Mas a verdade seja dita: quando Sherlock Holmes fracassava, nenhum outro conseguia ser bem-sucedido; e mesmo quando deixava escapar um criminoso, não deixava de esclarecer toda a trama do crime. Reuni alguns casos desta natureza, entre os quais

“A Segunda Mancha”, que ocorreu muito mais tarde, e estes que vou narrar agora são, na minha opinião, do maior interesse.

Sherlock Holmes não era homem para fazer exercícios só pelo amor à ginástica, mas, quando necessário, poucos seriam capazes de desenvolver maior esforço físico do que ele. Foi, sem dúvida, um dos mais exímios pugilistas do seu peso. Mas não considerava o esforço físico justificável, se não tivesse um objetivo. Porém, quando se tornava imprescindível empregá-lo, mostrava-se infatigável e então me espantava que ainda se mantivesse em forma. Só posso atribuir este fenômeno ao seu sóbrio regime alimentar e aos hábitos simples que se aproximavam da austeridade espartana.

Certo dia, no início da primavera, achava-se tão bem disposto que resolveu sair comigo para um passeio no Hyde Park.

Os olmos começavam a desabrochar, e as rijas pontas de lança dos castanheiros desdobravam-se em múltiplas folhas. Durante duas horas, andamos em silêncio como acontece a duas pessoas que se conhecem intimamente. Pouco faltava para as cinco da tarde quando regressamos à Baker Street.

Ao abrirmos a porta, nosso criado anunciou:

— Esteve aqui um cavalheiro à sua procura, senhor.

Holmes olhou para mim com um ar de censura.

— Gastarmos tanto tempo nestes passeios inúteis!... Esse sujeito não chegou a entrar?

— Entrou, sim, senhor.

— Quanto tempo ficou me esperando?

— Meia hora. Estava muito inquieto, andando de um lado para o outro; e até o ouvi bater com o pé no chão, junto à porta. Por fim, veio para o corredor e perguntou:

— Esse senhor nunca mais vem?

E eu respondi:

— Queira ter a bondade de esperar mais um pouco.

— Prefiro esperar ao ar livre... Tenho pressa. Voltarei mais tarde.

E foi embora.

— Bem, você fez o que pôde.

Virando-se para mim, comentou:

— Realmente, Watson, isto é muito chato. Convinha-me investigar um caso que devia ser importante, dada a impaciência da homem... Olha! Aquele cachimbo que está em cima da mesa não é o seu... O nosso visitante deve tê-lo esquecido.

Pegou-o e observou:

— É um belo cachimbo, já bem queimado; um *brier*⁽⁹⁾ de longa boquilha de âmbar. Contam-se pelos dedos as boquilhas de âmbar autêntico que se encontram em Londres. Os tabaqueiros chamam “mosca” a esta irregularidade do âmbar, semelhante a uma estrelinha mais escura, que é um sinal de autenticidade. Como há quem considere o âmbar um sinal de distinção, surgiu um ramo de artesanato que consiste em gravar “moscas” em boquilhas de imitação de âmbar. Este sujeito deve estar transtornado para se esquecer de um cachimbo que tanto estima.

— Por que diz que ele o estima? — estranhei.

— Bem... Podemos calcular o custo deste cachimbo na loja onde o comprou, em sete xelins aproximadamente. Se você observar, perceberá que já foi consertado duas vezes: no tubo de madeira da fornilha e na boquilha de âmbar. Cada uma destas reparações, executadas com anilhas de prata, provavelmente custou mais do que o cachimbo. Só quem gosta muito de um cachimbo é que gasta mais dinheiro para consertá-lo do que para comprar um novo idêntico.

Como notei que Holmes ia prolongar o seu exame, pensativamente, sondei:

— Descobriu mais alguma coisa?

Ergueu-o no ar e bateu-lhe com o dedo indicador, como um mestre de anatomia dando uma aula sobre um osso.

— Por vezes, os cachimbos se tornam muito esclarecedores. Fora, talvez, os relógios, poucas coisas se revestem de tanta originalidade. No presente caso, as indicações que podemos colher são realmente importantes. O dono deste cachimbo é um homem musculoso, canhoto e com uma excelente dentição; não tem necessidade de poupar dinheiro e é bastante descuidado.

O meu amigo me olhou de relance, para ver se eu estava seguindo seu raciocínio.

⁽⁹⁾ Raiz de roseira-brava, também conhecido pela designação francesa de “bruyère”. (N. do T.)

— Você acha que um homem precisa de ser rico, para fumar um cachimbo de sete xelins? — perguntei, criticamente.

— Mas ele fuma uma mistura, *Grosvenor*, que é bastante cara. Ora, como existem no mercado bons tabacos para cachimbo pela metade do preço, não há dúvida de que não tem necessidade de poupar dinheiro.

— E quanto às outras características do seu possuidor? — interessei-me.

— Tem o mau hábito de acendê-lo nos bicos de gás dos candeeiros de mesa, como se deduz pela madeira do forninho, bastante queimada de um dos lados; um fósforo nunca teria feito tal estrago, pois ninguém acende o cachimbo com a chama de lado, o que só acontece se inclinarmos o forninho sobre uma lâmpada de iluminação.

Como é o lado direito da boca do forninho que se encontra mais queimado, conclui-se que o homem é canhoto. Experimente, Watson, levar o seu cachimbo à chama desse candeeiro e verificará que queimará o lado esquerdo do forninho e não o direito.

Deduz-se que seja um tipo enérgico pela maneira como conseguiu fincar os dentes desta maneira, na boquilha de âmbar. Tem, portanto, uma boa dentição e um queixo potente. Ora, geralmente, os homens de maxilares fortes são musculosos...

Escute, Watson... Parece ele está subindo a escada. Vamos ter mais coisa para analisar, além do seu cachimbo.

Um instante depois, a porta se abriu e entrou na sala um jovem, modestamente vestido de cinzento-escuro, trazendo na mão um chapéu castanho. Parecia ter pouco mais de trinta anos.

— Lamento incomodá-los — preambulou, com evidente embaraço. — Desculpem-me por não ter sequer batido à porta. Devia realmente ter batido, mas estou um pouco transtornado...

Passou a mão pela testa e sentou-se numa cadeira. Holmes observou, com a sua costumeira perspicácia:

— O senhor não dorme há uma ou duas noites e nada é pior para a saúde, nem mesmo um trabalho exaustivo ou os excessos sexuais. Bem... diga-me, em que posso servi-lo?

— Preciso de um conselho. Não sei o que fazer!

— Quer contratar os meus serviços, como detetive de consultas?

— Não é bem isso... Como o senhor é um homem criterioso, desejava saber a sua opinião...

Falava aos solavancos, com pausa espasmódica.

— É um assunto muito delicado... e ninguém gosta de expor os seus problemas domésticos... Custa-me horrivelmente falar da mulher com quem casei a dois homens que só conheço de reputação. É medonho ter de recorrer a isto! Mas preciso...

— Acalme-se, meu caro sr. Grant Munro — cortou Holmes.

O nosso visitante quase deu um pulo na cadeira.

— O quê?... O senhor sabe o meu nome?

— Se o senhor pretende se manter incógnito, aconselho-o a não escrever seu sobrenome na aba interina dos seus chapéus, ou, então, volte a copa desse que traz consigo para a pessoa com quem fala.

Contudo, desde já lhe digo que nesta mesma sala o meu amigo e eu temos ouvido numerosos segredos... e também tenho tido a felicidade de dar auxílio a muitas pessoas angustiadas. Como o tempo é sempre um fator primordial, peço que exponha o seu caso, sem mais demora.

Fazendo um gesto e passando a mão pelo pescoço, como a se libertar de um peso, sr. Munro declarou:

— Os fatos são estes, Mr. Holmes: sou casado há três anos, e minha mulher e eu sempre nos amamos com verdadeira paixão. Temos sido felizes, sem a mínima divergência de pensamentos. Porém, desde segunda-feira passada, surgiu subitamente entre nós uma barreira inexplicável... e descobri que há algo na sua vida que desconheço. Não tenho dúvida de que Effi sempre me amou e continua me amando. Porém, existe um segredo que ela não quer me revelar e sinto que não poderemos ser os mesmos um para o outro antes que este mistério se esclareça.

— Queira ater-se aos fatos, sr. Munro — instou Holmes, impaciente.

— Começarei por relatar o que sei da história de Effi. Quando a encontrei pela primeira vez, já era viúva, embora fosse muito nova. Então, chamava-se sra. Hebron. Tinha ido muito jovem para a América, onde viveu na cidade de Atlanta e se casou com um advogado com numerosa clientela. Tiveram uma filha. Durante uma epidemia de febre amarela, a filha e o marido morreram. Vi a certidão de óbito. Esta tragédia fez com que Effi se desiludisse com a América e voltasse à Inglaterra, para a casa de uma tia solteira que vive em Pinner, no Midlessex.

Felizmente, o marido lhe deixou um capital de quase quatro mil e quinhentas libras, tão bem investido, que rende em média cerca de sete por cento ao ano.

Quando a vi pela primeira vez, tinha chegado a Pinner havia seis meses, e logo gostamos um do outro, nos casando poucas semanas depois.

Quanto a mim, sou negociante de lúpulo e, como tenho uma renda de setecentas a oitocentas libras, vivemos com bastante conforto e alugamos, em Norbury, uma casa a oito libras por ano.

Embora o local seja isolado e rústico, não fica muito longe da cidade. No lugar, existe uma pensão, duas casas grandes e, do lado oposto do prado, um pouco mais adiante, em frente de nós, há outra moradia. A estação de trem não está muito distante dali.

Em certos períodos do ano, o meu negócio força-me a vir à cidade, mas no verão só raramente me ausento. Garanto que minha mulher e eu éramos imensamente felizes. Mas devo contar uma particularidade: quando nos casamos, ela insistiu em pôr todos os seus bens em meu nome, apesar da minha relutância; dizia que os meus negócios poderiam vir a correr mal, um dia.

Há cerca de seis semanas, Effi declarou-me:

— Quando passei os meus bens para o seu nome, você me disse que, se eu precisasse de dinheiro, bastaria pedir.

— Certamente — concordei —, já que esse dinheiro lhe pertence.

— Nesse caso, Jack, preciso agora de cem libras.

Naturalmente, fiquei alarmado com o pedido, pois pensava que ela apenas desejasse um vestido novo ou algo nesse gênero.

— Para que precisa de tanto dinheiro?

Riu e, com seu jeito travesso, respondeu:

— Você disse que seria o meu banqueiro. Ora, os banqueiros nunca fazem perguntas aos seus depositantes.

— Dou o dinheiro, mas não vai me dizer para que o quer?

— Direi mais tarde, mas não agora.

Calei-me, embora fosse a primeira vez que se erguia um segredo entre nós e lhe entreguei um cheque daquele valor.

Nunca mais se falou no assunto. Porém, eu disse, sr. Holmes, que existe outra casa não muito distante da minha, do outro lado do prado, e também um pinhal onde eu gostava de passear, porque as árvores sempre me agradaram...

Essa residência esteve vazia até oito dias atrás. É uma bela casa de dois pisos, com um portal antigo, toda cercada de madressilva. Ora, na segunda-feira passada, à tarde, quando dava o meu passeio habitual, encontrei uma carroça de mudanças que seguia em direção a ela, na entrada vi vários tapetes empilhados e outros objetos. Deduzi, naturalmente, que já fora

alugada. Um pouco mais adiante, olhei para as janelas com curiosidade em saber quem seriam os nossos próximos vizinhos e avistei numa delas um rosto que me fitava e me causou um estranho mal-estar. Não distingui bem as feições, mas senti que havia nele algo de inumano. Quando me aproximei, o rosto desapareceu no interior do quarto.

Não poderia dizer se aquele rosto era de homem ou mulher. A sua cor foi o que mais me impressionou: era de um amarelo lívido, cadavérico, com uma rigidez que me pareceu antinatural.

Fiquei tão impressionado que decidi perguntar quem era o novo inquilino e fui bater à porta. Fui atendido por uma mulher alta e magra de expressão antipática.

— Que quer? — perguntou, com sotaque do norte.

— Sou seu vizinho. Moro naquela casa — apontei. — Como acaba de se instalar aqui, vim oferecer os meus préstimos.

— Muito bem. Se precisarmos de qualquer coisa iremos procurá-lo.

E fechou a porta na minha cara.

Incomodado com tal grosseria, voltei para casa, mas, durante todo o dia, não consegui esquecer o estranho rosto que havia visto antes na janela, nem da hostilidade da mulher. Sabendo que Effi é muito impressionável, não lhe contei a desagradável ocorrência, limitando-me a informá-la, quando nos deitamos, de que a casa da frente tinha sido alugada. Effi pareceu desinteressada, pois não me deu resposta.

Geralmente, tenho o sono pesado, mas desta vez, talvez excitado pelo que acontecera naquela tarde, senti que estava acontecendo qualquer coisa no meu quarto e percebi que minha mulher se vestia para sair, levando a capa sobre os ombros e o chapéu.

La falar com ela, mas a vi tão mortalmente pálida que emudeci. Olhava furtivamente para a cama, como se quisesse se assegurar de que eu dormia profundamente. Então, saiu do quarto em silêncio e, momentos depois, ouvi o ranger da porta da rua. Tirei o relógio que, à noite, coloco sob o travesseiro e verifiquei que eram três horas da manhã.

Que iria a minha mulher fazer na estrada àquela hora? Eu não quis interrompê-la para poder ver o que ela ia fazer, mas todo aquele mistério me transtornava. Vinte minutos mais tarde, a porta tornou a ranger e ouvi os passos dela subindo a escada. Então, interroguei-a:

— Aonde foi, Effi?

Gritou surpreendida e assustada, numa atitude culposa.

— Está acordado, Jack? — quase gritou, com uma risada nervosa. —

Pensei que nada o acordaria...

— Onde esteve? — inquiri, com maior dureza.

Os dedos dela tremiam ao tirar a capa, e respondeu, extremamente nervosa:

— Não admira o seu espanto. Nunca fiz semelhante coisa em toda a minha vida... Mas a verdade é que me senti sufocada, com um desejo louco de respirar ar fresco. Estava prestes a desmaiar, mas os poucos minutos que permaneci à porta me restabeleceram e agora me sinto melhor.

A sua voz tinha uma entonação diferente e, enquanto falava, evitava encarar-me. Era evidente que mentia, mas não quis provocar uma desavença que poderia ser violenta; virei-me para a parede, profundamente angustiado.

Na manhã seguinte, eu deveria ir à cidade, mas estava muito preocupado para me dedicar a negócios. Pelos olhares que Effi me lançava, percebi que ela adivinhava as minhas dúvidas, quanto à sua justificação. Durante o café da manhã, mal trocamos algumas frases. Depois, saí para refrescar o espírito e tentar esquecer o incidente. Fui até o Crystal Palace, passei uma hora pelo campo e regressei a Norbury, à uma da tarde.

Ao passar pela casa vizinha, observei as janelas para ver se a aparição do rosto pálido se repetia, e qual não foi o meu espanto ao ver a porta se abrir e por ela sair minha mulher.

Ainda deu um passo para atrás, mas, compreendendo ser impossível se esconder, avançou para mim, pálida como a morte.

— Jack! Fui perguntar se os nossos vizinhos precisavam de alguma coisa... Por que me olha dessa maneira? Está zangado?

— Claro. Foi aqui que você veio na noite passada?

— Que quer dizer com isso?

— Que você mentiu! Quem são estas pessoas que você veio visitar àquela hora da madrugada?

— Mas eu nunca tinha vindo aqui...

— Como tem coragem de mentir dessa maneira? Alguma vez tive algum segredo para você? Vou entrar nessa casa e desvendar este mistério.

Sem dominar a emoção, Effi gritou:

— Não, Jack! Pelo amor de Deus! Juro que, quando chegar a hora, contarei tudo... Mas não entre nessa casa senão terá um enorme desgosto!

Ainda tentei me aproximar da porta, mas Effi me segurou pelo braço e implorou que confiasse nela.

— A nossa vida está em perigo — disse, numa atitude frenética. —

Nunca esconderia nada de você se não fosse para seu próprio bem! Se voltar agora comigo para casa, tudo correrá bem e não terá razão para se arrepender... Mas, se entrar nessa casa, estará tudo acabado entre nós!

Era tão veemente o seu desespero que fiquei imóvel, indeciso, diante da porta. Então, adverti-a:

— Confio em você, mas com uma condição: concedo-lhe a liberdade de manter o seu segredo, mas terá que me prometer que não sairá à noite, nem tentará me esconder os seus atos. Saberei esquecer o que se passou, se prometer que no futuro isso não se repetirá.

Com um suspiro de alívio, ela declarou:

— Estava certa de que confiaria em mim. Será como quiser. Vamos para casa.

Puxando-me pelo braço, afastou-me da casa mas, no caminho, olhei para trás e vi o mesmo rosto amarelo, como o de um cadáver, nos espiando da janela.

Durante dois dias, Effi se manteve leal ao seu compromisso, mas no terceiro dia, tive a certeza de que, apesar da sua promessa, não conseguia se libertar da secreta influência que a afastava de mim.

Nessa última manhã, eu tinha ido a Londres, mas em vez de voltar no trem das três e trinta e seis, como era meu costume, antecipei a viagem e vim no das duas e quarenta. Ao chegar em casa, a criada se assustou e, ao lhe perguntar onde estava minha esposa, respondeu que fora dar um passeio.

Roído de suspeita, subi ao quarto e, ao passar por uma das janelas, vi a criada correndo pelo campo, em direção à casa vizinha.

Compreendi imediatamente que minha mulher voltou àquela casa, convencida de que eu só voltaria mais tarde da cidade e que a criada, certamente a seu pedido, se apressou em avisá-la da minha chegada.

Saí de casa, cheio de raiva, pronto a esclarecer o mistério de uma vez por todas e, embora visse Effi e a empregada, já de volta pela atalho, nem sequer parei para conversar.

Chegando à casa, não bati à porta; girei a maçaneta e entrei. No piso térreo tudo estava silencioso, com exceção de uma chaleira que chiava no fogão. Dentro de um cesto estava um enorme gato preto, mas não encontrei a mulher que vi anteriormente. Subi as escadas e revistei o segundo piso, mas só encontrei cômodos vazios.

Toda a mobília e adereços eram comuns e só no quarto onde eu vi a face amarela é que o ambiente se apresentava confortável e até elegantemente decorado. Subitamente, senti o furor me invadir quando vi na sala uma

ampliação da fotografia de Effi que, três meses antes, ela tinha tirado a meu pedido.

Certifiquei-me de que a casa estava realmente vazia e voltei para minha casa. Minha mulher me aguardava, mas passei por ela furioso e constrangido e me enfiei no escritório. Mas ela me alcançou antes que eu tivesse tempo de fechar a porta. Sentia-me muito magoado para ouvir explicações. Effi confessou:

— Estou imensamente triste por ter quebrado a minha promessa! Se soubesse, Jack, o que está acontecendo, estou certa de que me perdoaria!

— Se quer que eu a perdoe, conte-me tudo... e já!

— Não posso, Jack! Acredite em mim! — suplicou, ofegante.

— Enquanto não me disser quem mora naquela casa e a quem deu a sua fotografia, não pode haver mais confiança entre nós! — respondi.

Deixei-a ali e, no mesmo instante, saí de casa. Isto aconteceu ontem, Sr. Holmes. Não a vi mais e não sei mais nada do assunto. Esta manhã, lembrei-me do senhor e vim colocar o meu destino nas suas mãos. Pelo amor de Deus, diga-me o que devo fazer.

Holmes e eu ouvimos com o maior interesse esta narrativa, feita por um homem desesperado. Com o queixo apoiado nas mãos, o meu companheiro interrompeu a sua silenciosa meditação, para perguntar:

— O senhor tem certeza de que era um rosto humano esse que viu à janela.

— Nunca o observei de perto. Apenas o avistei de relance, porque desaparecia rapidamente. Mas suas feições estranhamente rígidas e sua lividez amarelada não pareciam naturais.

— Há quanto tempo sua mulher lhe pediu as cem libras?

— Há dois meses.

— Chegou a ver alguma vez o retrato do primeiro marido de sua mulher?

— Não. Logo após a sua morte, houve um grande incêndio na casa de Atlanta e tudo ficou reduzido a cinzas.

— Mas o senhor declarou ter visto uma certidão de óbito...

— Sim... Uma segunda via, obtida depois do incêndio.

— Alguma vez encontrou alguma pessoa que sua mulher tivesse conhecido na América?

— Nunca.

— Porventura ela lhe falou em voltar, algum dia, para Atlanta?

— Nunca exprimiu tal intenção.

— Recebe cartas da América?

— Não... que eu saiba.

— Bem — concluiu Holmes —, gostaria de pensar um pouco mais sobre o caso. Se a casa continuar desabitada, é natural que tenhamos dificuldades em desvendar o mistério. Contudo, é possível que esses inquilinos, sabendo da sua partida tempestuosa, voltem à casa.

Aconselho-o a voltar para Norbury e a observar as janelas da casa. Se notar que ela está habitada, não tente de maneira alguma entrar lá. Limite-se a nos enviar um telegrama, que logo iremos encontrá-lo.

— E se continuar deserta?

— Se ainda estiver vazia irei, amanhã mesmo, discutir o caso com o senhor. Adeus e não se alarme, pois ainda não sabemos se a situação é realmente grave. Pode haver uma explicação plausível para todo esse mistério.

Depois que Munro saiu, Holmes indagou:

— O que parece, Watson?

— Que o meu amigo, para acalmar esse infeliz, minimizou a gravidade do caso... Isso cheira a grossa patifaria.

— É o que penso, e acho que se trata de um caso de chantagem.

— Quem julga que seja o chantagista?

— O indivíduo que habita o único quarto confortável da moradia, com a fotografia da sra. Munro sobre a lareira.

— Já concebeu alguma hipótese?

— Apenas provisoriamente. Ficarei muito surpreso se o homem da janela não for o primeiro marido da pobre senhora.

— Por que pensa isso?

— Pelo receio que ela tem de que sr. Munro entre na casa. Creio que o primeiro marido tenha manifestado um caráter odioso ou contraído qualquer moléstia repugnante, como a lepra... ou tenha ainda, por exemplo, sofrido uma enfermidade mental que lhe deu uma expressão de idiotia. A sra. Munro fugiu para a Inglaterra e, mudando de nome, pensou em refazer a sua vida. Pode ter exibido ao atual marido uma certidão de óbito de outro homem de quem tomou o falso sobrenome. Depois de três anos de casada, julgou que a sua situação estava garantida. Entretanto, o primeiro

marido, ou uma mulher sem escrúpulos que a ele se tenha ligado, descobriu o seu paradeiro e escreveu à sra. Munro, ameaçando-a de contar toda a verdade.

A sra. Munro tentou comprar o silêncio dele ou dela por cem libras, mas eles, insatisfeitos ou mesmo insaciáveis, vieram se instalar em Norbury, fazendo chantagem e exigindo a fotografia da infeliz mulher. Ao serem avisados pela criada de que Munro chegou mais cedo em casa, fugiram pela porta dos fundos.

Por isso a casa estava deserta, mas ficarei surpreso se ele esta tarde não voltar a ver a face amarela, numa das janelas do piso superior. Que pensa, Watson, desta minha hipótese?

— Que não passa de mera conjectura — respondi, ceticamente.

— Pelo menos, abrange todos os fatos. Se surgirem outros que não possam encaixar-se no quebra-cabeça, terei de reconsiderar todo o caso. Agora, só nos resta esperar o telegrama de Norbury.

Não tardou muito. Tomávamos o nosso chá, quando o mensageiro nos trouxe o telegrama:

“Casa habitada. Rosto à janela. Espero-os trem das sete. Nada farei até que cheguem.”

O sr. Grant Munro aguardava-nos na plataforma e, apesar da fraca luz do lugar, notei que estava trêmulo de emoção e extremamente pálido.

— Ainda estão lá, sr. Holmes. Avistei luzes na casa. Vamos esclarecer isto, definitivamente.

— Tem algum plano? — inquiriu o meu amigo.

— Forço a entrada e vejo quem está lá com os meus próprios olhos, mas quero que me acompanhem como testemunhas.

— Mesmo contra a vontade de sua mulher?

— Sim. Estou decidido a tudo!

— Creio que está no seu direito porque a verdade, por pior que seja, sempre é melhor do que uma eterna dúvida e, já que não é possível proceder de forma legal, o melhor é irmos imediatamente.

A noite estava muito escura e uma chuva fria começou a cair, quando, deixando a entrada, tomamos um atalho cheio de covas, ladeado por uma sebe.

— Ali estão as luzes — apontou Munro, impaciente. — A casa é aquela.

Quando nos aproximamos mais, verificamos que uma janela do piso superior estava iluminada. Paramos alguns segundos para observá-la melhor e pudemos ver um vulto escuro mover-se por detrás da vidraça.

— Como vêem, alguém está lá. Queiram me seguir.

Para nosso espanto, da porta de entrada vinha um feixe de luz, como se estivesse entreaberta. Ao nos aproximarmos dela, uma mulher loira saiu da sombra, com os braços estendidos numa súplica. Como estava apenas iluminada pelo feixe que vinha do vestíbulo, atrás dela, não pude ver seu rosto.

— Pelo amor de Deus, Jack, não entre — implorou. — Confie em mim e não se arrependará.

— Já confiei demais em você, Effi. Deixe-me passar — respondeu ele, afastando-a para o lado e entrando na casa.

Nós o seguimos de perto mas, logo no vestíbulo, uma mulher de idade avançada tentou barrar nossa passagem. Munro também a afastou com decisão e subimos a escada, entrando na sala onde víamos a luz.

Estava realmente bem arrumada e brilhantemente iluminada por dois candelabros em cima da mesa, e outros dois sobre a lareira. A um canto, inclinado sobre uma escrivaninha, estava um pequeno vulto, vestido de vermelho, com luvas brancas até os cotovelos. Ao virar-se para nós, não pudemos conter uma exclamação de horror. O seu rosto amarelo-esbranquiçado era indescritível, com olhos vazios de expressão.

No instante seguinte o mistério se esclareceu. Holmes, com uma risada, avançou, passou a mão por detrás da cabeça do estranho ser e tirou a máscara. Surgiu-nos então uma menina de pele escura, cujos dentinhos brilhavam, parecendo divertida com o nosso espanto.

Também ri, aliviado, notando a alegria da menina, mas Grant Munro continuava petrificado, com as mãos na garganta.

— Santo Deus! — exclamou, por fim. — Que significa isto?

Então, sua esposa entrou na sala impetuosamente, com uma expressão de orgulhosa decisão.

— Quis poupar você desta cena — declarou —, mas agora só nos resta encarar o futuro, seja ele qual for, com coragem. Embora o pai tenha morrido em Atlanta, a filha sobreviveu.

— A filha....

— Sim. A *minha* filha!

A sra. Munro retirou do decote um medalhão que tinha no seio e o estendeu na direção do marido.

— Nunca o abriu?

— Não! Nem sequer sabia que se abria!

Ela apertou uma mola e a tampa saltou com um estalido. Continha o retrato de um homem de olhar inteligente e bela fisionomia, mas que revelava ter algum sangue africano.

— Este é John Hebron, de Atlanta — declarou a sra. Munro. — Foi um homem nobre e generoso por quem me apaixonei. Era muito nova e abandonei os da minha raça para me casar com ele. Nunca me arrependi, e a nossa única infelicidade foi a nossa filha ter nascido com uma maior pigmentação dos antepassados do pai. É um fenômeno genético que surge, muitas vezes, por cruzamento de sangue de etnias diferentes. Lucy saiu muito mais escura do que o pai mas, negra ou loira, é a minha querida filhinha!

A estas palavras, a menina correu a se aninhar no vestido da mãe, que continuou:

— Deixei-a ficar na América, porque ainda estava convalescendo, e sua saúde era frágil para poder me acompanhar, já que a mudança para este clima frio e úmido podia ser-lhe prejudicial.

Ficou aos cuidados de uma escocesa, nossa antiga criada, mas nunca pensei em repudiá-la, como filha. Depois, quando o destino pôs você no meu caminho, Jack, compreendi que o amava... tão apaixonadamente, que tive medo de lhe contar sobre a menina.

Deus me perdoe! Não queria perder você e me faltou coragem para contar a verdade! Nessa altura, tendo que escolher entre vocês dois, preferi deixá-la na América. Durante estes três anos de egoísmo, apenas era informada pela governanta de que tudo corria bem. Por fim, senti um desejo irresistível de tornar a ver Lucy.

Embora reconhecesse o perigo que corria, resolvi mandá-la vir, apenas por algumas semanas. Enviei cem libras à governanta e dei-lhe instruções quanto à maneira de se instalar nesta casa. Pensei que poderia vir aqui como em visita de vizinhos, sem levantar suspeitas. Mas exagerei tanto as minhas precauções que o resultado foi fatal. Tinha ordenado que Lucy nunca saísse de casa e que, quando se aproximasse da janela, cobrisse o rosto com uma máscara. Foi exatamente isso que o alarmou.

No dia em que chegaram, não pude conter a minha excitação e, sabendo que você tem um sono profundo, arrisquei-me a sair no meio da noite para que não percebesse nada... Mas fui surpreendida e o meu segredo ficou à sua mercê. O resto, já sabe. Quando forçou a entrada desta casa, a governanta só teve tempo de sair com Lucy pela porta dos fundos. E agora... que já está a par de tudo, não sei qual será o nosso futuro... ou o de minha filha e meu...

A sra. Munro calou-se, esperando uma resposta. Dois longos minutos se passaram antes de Grant Munro se manifestar. Então, pegou a menina no colo, beijou-a e estendeu uma mão à mulher, levando-a para fora da sala. Ainda o ouvimos dizer:

— Falaremos melhor em casa, Effi. Posso não ser um homem perfeito, mas talvez seja melhor do que você supõe.

Holmes e eu os seguimos pela estrada mas, ao chegarmos ao atalho, o meu amigo segurou-me por um braço, sugerindo:

— Creio que poderemos ser mais úteis em Londres do que em Norbury.

Não falamos mais no assunto. Só quando se dirigia para o seu quarto, à noite, com a vela acesa, recomendou, em voz sumida:

— Se alguma vez, Watson, você notar que estou confiante demais na minha capacidade de resolver um caso ou que lhe dei menos atenção do que aquela que a sua gravidade mereça, tenha a bondade de dizer no meu ouvido: “Norbury”. Ficarei imensamente grato.

O VELHO SOLAR DE SHOSCOMBE

Durante muito tempo, Sherlock Holmes manteve-se debruçado sobre um microscópio. A certa altura, endireitou-se e declarou triunfante:

— É cola, Watson. Não tenho a menor dúvida. Dê uma olhada nas matérias que se encontram no pedacinho de tecido que inseri entre as lâminas.

Inclinei-me sobre o óculo e foquei a objetiva, adaptando as lentes à minha visão.

Holmes especificava:

— Esses filamentos que está vendo são fios de um tecido de casimira; os corpúsculos irregulares, cinzentos, são grãos de pó; à esquerda, essas

palhetazinhas são escamas epiteliais humanas, e essas pequeninas bolhas, Watson, que eu hesitava em classificar, são certamente cola.

— Bem, aceito a sua análise — disse eu, rindo. — Isto se relaciona com algum caso que anda investigando?

— Não propriamente, mas é uma ótima demonstração da análise microscópica. No caso St. Pancras, não sei se se lembra dele, foi encontrado um gorro ao lado do policial assassinado. O acusado negou que esse gorro lhe pertencesse. Porém, ele fazia molduras para quadros e, necessariamente, utilizava cola.

— Recordo-me perfeitamente... Mas, agora, está tratando de algum caso?

— Não, diretamente, mas o meu amigo Merivale, da Scotland Yard, me pediu para dar uma olhada nesta prova material. Desde que levei à prisão aquele falsificador de moedas, ao identificar zinco e cobre na costura do punho da sua camisa, a polícia começou a dar valor à relevância da análise microscópica. Estava esperando a visita de um novo cliente, mas ele se atrasou. Agora, Watson, diga-me uma coisa: você entende de corridas de cavalos?

— Pelo menos, devia entender, já que contribuo para elas com quase metade da pensão que recebo pelo meu velho ferimento em campanha.

— Nesse caso, se conhece as regras do turfe, ficará sendo o meu *Manual Prático das Corridas de Cavalos*... O nome de *sir* Robert Noberton lhe diz alguma coisa?

— Creio que mora no solar de Shoscombe, uma zona estival que conheço bem porque, uma vez, passei lá uma estação tranqüila. Creio que *sir* Robert esteve certa vez para cair nas mãos da polícia.

— Por quê?

— Deu uma surra de chibata em Sam Brewer, um conhecido agiota da Curson Street. Quase matou o homem, no Newmarket Heat!

— É metido a valentão?

— Tem fama de perigoso. É um dos mais arrojados cavaleiros da Inglaterra e, há uns anos, montando pessoalmente um dos seus cavalos, conquistou o segundo lugar no Grande Prêmio Nacional. É um desses homens que nasceram na geração errada; teria feito sucesso no período da Regência: pugilista, atleta, entusiasta apostador de turfe, conquistador do belo sexo e, segundo consta, pegou atalhos tão tortuosos na vida que talvez já não consiga encontrar a via de volta ao bom caminho.

— Esplêndido, Watson! Pintou-me um quadro resumido, mas completo. E será capaz de descrever esse velho solar de Shoscombe?

— Sei apenas que se situa no centro do Shoscombe Park, com um famoso haras e não menos famoso campo de treino de cavalos.

— O treinador-chefe é um tal John Mason. Não se admire com os meus conhecimentos, pois o que estou dizendo descobri por meio de uma carta dele. Tenho o palpite de que me deparei com um belo filão.

— E há ainda os *setters*⁽¹⁰⁾ de Shoscombe, que se tornaram célebres nas exposições caninas. Constituem a mostra de canicultura mais excepcional da Inglaterra e dá muito orgulho à dona do velho solar de Shoscombe.

— Presumo que essa senhora seja a mulher de *sir* Robert Noberton...

— Oh, não! *Sir* Robert não é casado... e, na minha opinião, ainda bem. Mas mora com a irmã viúva, *lady* Beatrice Falder, dona do solar.

— Você quer dizer que a irmã mora com ele, não?

— Não, Holmes. A propriedade pertencia a *sir* James, o falecido marido de *lady* Beatrice. Noberton não pode reivindicar nada da herança de Shoscombe. Trata-se apenas do usufruto dos rendimentos da propriedade que, por morte de *lady* Beatrice, reverterá para a cunhada, irmão do falecido marido. Até lá, ela vai recebendo as rendas, anualmente.

— Estou compreendendo, e suponho que o mano Robert se empenha em gastá-las.

— É mais ou menos isso. É um sujeito que só lhe traz problemas, mas, apesar disso, dizem que a irmã é dedicada... Afinal de contas, o que está acontecendo em Shoscombe?

— É precisamente o que pretendo saber... Olhe, Watson... Creio que aí vem a pessoa que poderá nos dizer alguma coisa a esse respeito.

A porta se abriu e o criado fez entrar um homem alto, bem barbeado, de fisionomia austera, comum naqueles que têm a incumbência de adestrar cavalos e disciplinar jóqueis e cavaleiros.

O sr. John Mason tinha sob a sua direção vários representantes dessas duas espécies e parecia pessoa à altura da sua missão.

Inclinando-se com certa frieza, numa saudação muda, sentou-se na cadeira que Holmes lhe ofereceu e foi direito ao assunto:

⁽¹⁰⁾ Espécie canina, semelhante ao perdigueiro (*pointer*), mas de pêlo comprido e sedoso. (N. do A.)

— Recebeu o meu bilhete, sr. Holmes?

— Sim, mas nada explica.

— Trata-se de um assunto muito delicado e complexo para que os pormenores possam ser escritos no papel. Prefiro expô-los pessoalmente.

— Estamos à sua disposição.

— Para começar, sr. Holmes, receio que o meu patrão, *sir* Robert, tenha enlouquecido.

O meu amigo ergueu uma das sobrancelhas.

— Isto aqui, sr. Mason, é a Baker Street, e não o hospício da Harley Street. Por que julga isso?

— Quando um homem comete uma ou duas extravagâncias, ainda é tolerado, mas quando tudo o que faz é injustificável, torna-se suspeito de alienação mental. Creio que *Prince*, o cavalo favorito dos estábulos de Shoscombe, e o Grande Prêmio fizeram *sir* Robert perder o juízo.

— Tem treinado esse cavalo, sr. Mason?

— Sim, sr. Holmes. É o melhor corredor da Inglaterra. Vou ser franco, meus senhores, e espero que esta informação fique entre nós. Desta vez, *sir* Robert tem mesmo que ganhar o Grande Prêmio. Está enterrado em dívidas até o pescoço, e esta é a sua última oportunidade. Tudo quanto pôde sacar dos bancos e conseguir que lhe emprestassem foi apostado no *Prince*, aliás, com excelente chance de ganhar. Contudo, a cotação está por volta de quarenta, embora o cavalo valha cem.

— Como se explica essa cotação inferior, se o animal é assim tão bom?

— Bem... O público ignora o valor real do *Prince*. *Sir* Robert é mais esperto que os curiosos que vêm espiar os treinos. Nestes, faz correr outro cavalo, meio-irmão do *Prince*, que está longe de igualá-lo, pois na pista se verifica entre eles uma diferença de dois corpos, a cada duzentos metros. Mas é praticamente impossível, para um leigo, diferenciá-los. São perfeitamente iguais, no corpo, na pelagem e nos movimentos de galope.

Ora, *sir* Robert só pensa no cavalo e na corrida. Até agora, tem conseguido se livrar dos agiotas judeus, mas, se o *Prince* perder, também o seu dono está perdido.

— Bem... É um caso de obsessão justificada... Mas, como se manifesta a loucura geral?

— O homem não dorme. A qualquer hora do dia ou da noite, não sai do estábulo. Tem um olhar amedrontado e está doente dos nervos... Mas o mais grave é o seu procedimento em relação a *lady* Beatrice.

— O que se passa com essa senhora?

— Bem... Os irmãos sempre foram amigos, com gostos idênticos, e ela era louca pelos cavalos, saindo de landau todos os dias à mesma hora para vê-los, quer no campo, quer nos estábulos, onde falava amavelmente com os meus cavaleiros... E tinha uma afeição muito particular pelo *Prince* que, mal pressentia a sua aproximação, relinchava, erguia as orelhas e trotava até ela, na mira do seu torrão de açúcar cotidiano. Pois, sr. Holmes, tudo isso acabou!

— Por quê?

— Porque *lady* Beatrice parece ter perdido o seu interesse pelo haras e até chega a passar de longe pelo *Prince*, sem dar-lhe a menor atenção.

— Teriam os irmãos discutido, por qualquer motivo?

— Se discutiram?... Deve ter havido uma tremenda briga entre eles, porque *sir* Robert se desfez de um *setter* que pertencia a *lady* Beatrice e que ela idolatrava como se fosse seu filho. O irmão ofereceu esse cachorro ao velho Josias Barnes, dono da estalagem Green Dragon, que fica em Crendall, a quatro quilômetros de Shoscombe.

— Um comportamento realmente estranho! — comentou Holmes, pensativo.

— Ora, sofrendo de hidropisia e de uma grave cardiopatia — prosseguiu Mason —, não esperávamos que ela acompanhasse o irmão nas suas atividades diárias, mas este passava sempre mais de duas horas no quarto dela relatando todas as ocorrências.

Lady Beatrice foi sempre de uma extrema bondade para com *sir* Robert, tudo lhe perdoando... Pois bem, tudo isso acabou! O irmão já não vai falar com ela, o que, certamente, a faz sofrer de solidão... Por isso, sr. Holmes, a pobre senhora passou a se entregar à bebida!... Bebe como uma esponja!

— *Lady* Beatrice já bebia antes de ter brigado com *sir* Robert?

— Só moderadamente, de vez em quando, em momentos excepcionais, mas agora, segundo me contou o mordomo Stephens, chega a esvaziar uma garrafa por noite. Naquela casa tudo mudou e, ultimamente, o patrão tem ido à cripta da capela se encontrar com um indivíduo estranho...

— Esse fato é muito interessante, sr. Mason — animou-se Holmes.

— Stephens o viu ir para lá à meia-noite, quando chovia torrencialmente. Na noite seguinte, mantive-me acordado e também o vi dirigir-se nessa direção. Chamei Stephens e fomos atrás dele, embora nos arriscássemos a

sermos despedidos... ou a coisa pior, pois é um homem violento e tem prazer em espancar seja quem for.

Não nos aproximamos muito para que não nos visse... e também porque essa cripta tem fama de mal-assombrada. Tal como o mordomo me disse, *sir* Robert foi lá se encontrar com um desconhecido...

— Por que diz que a cripta é mal-assombrada?

— É o rumor que corre na região. A capela é tão antiga que ninguém pode afirmar a data da sua construção. Por baixo dela existe uma cripta que, de noite, ninguém se atreve a visitar. Mas o patrão sempre foi atrevido, sem medo de coisa alguma...

— Esse homem com quem *sir* Robert mantém esses contatos noturnos não será um dos cavaleiros que lhe presta informações confidenciais... ou qualquer outra pessoa do solar?

— Não, sr. Holmes. Não é ninguém conhecido.

— Como pode estar tão certo disso?

— Porque o vi. Stephens e eu estávamos agachados atrás de uns arbustos, quando *sir* Robert, na saída da capela, passou por nós com o tal indivíduo. Pouco depois se separaram, e vimos esse outro homem já um pouco distanciado de nós. Como não houvesse motivo para termos medo dele, saímos do nosso esconderijo e começamos a andar, como se déssemos um passeio ao luar. Então, decidi averiguar quem era o indivíduo e chamei-o. Ao ver-nos, soltou um grito assustado e fugiu. Desapareceu na noite e não ficamos sabendo quem era.

— Mas consegui distinguir suas feições?

— Sim, mas imprecisamente. Tinha um rosto comum, de pele bastante amarelada, doentia.

Holmes manteve-se alguns instantes silencioso e depois perguntou:

— *Lady* Beatrice Falder tem alguma dama de companhia?

— Sim, senhor. É Carrie Evans, que trabalha como criada de quarto da patroa há cinco anos.

— E essa criada é dedicada a ela?

Mason hesitou, cerrando os maxilares.

— É muito dedicada — respondeu, constrangido —, mas não direi a quem.

— Ah! — emitiu Holmes, perante a insinuação. — Convém que nos conte, sr. Mason.

— Não me fica bem falar dessas coisas, mas consta que Carrie é casada e que o marido vive à custa dela, embora mal se vejam, pois ela só muito raramente sai do solar. Esse cara foi, antigamente, ator de terceira categoria e está desempregado há muito tempo, pois é um homem doente. Como é Carrie quem o sustenta, ele não tem opção senão ser tolerante e fechar os olhos ao que todo mundo sabe.

— Compreendo. Pela descrição que o dr. Watson fez de *sir* Robert Noberton, calculo que nenhuma mulher lhe escapa, e é natural que tenha feito algumas conquistas dessa natureza. Acha que a discussão entre os irmãos possa ter sido causada por essas relações de patrão e criada?

— Bem... o escândalo já é antigo...

— Mas talvez *lady* Beatrice nunca tivesse percebido isso. Suponhamos que tenha descoberto essas relações pecaminosas apenas recentemente. Decerto, quis expulsar a criada, mas o irmão não consentiu.

Lady Beatrice, sofrendo do coração, afetada de hidropisia e provavelmente mexendo-se com dificuldade, não teve forças nem meios para impor a sua vontade. Embora odiasse essa Carrie, não conseguiu se livrar dela. Cortou relações com o irmão, e *sir* Robert, furioso, privou-a do cachorro de estimação. Então, *lady* Beatrice começou a se entregar à bebida. Vê algum absurdo nestas suposições?

— Bem... Até aí, não vejo.

— Até aí... diz muito bem, sr. Mason, porque as idas noturnas à cripta da capela não se encaixam no nosso quebra-cabeça.

— E há ainda outra coisa que não consigo entender. Por que *sir* Robert se lembrou de desenterrar um cadáver?

Holmes endireitou-se bruscamente na cadeira.

— Um cadáver?

— Sim, senhor. Só descobrimos isso ontem, sr. Holmes, depois de eu ter-lhe escrito. *Sir* Robert tinha ido a Londres, e Stephens e eu resolvemos descer à cripta. É um lugar úmido e escuro. Tudo nos pareceu normal até que, para nosso espanto, vimos num dos cantos parte de um corpo humano.

— E avisou logo a polícia, sr. Mason?

— *Aquilo* não devia interessar à polícia, sr. Holmes. Eram apenas um crânio e alguns ossos de um esqueleto, com muitos séculos. Mas nunca estivera ali; isso tanto eu como Stephens podemos jurar! Alguém pôs aquilo lá, coberto com uma tábua.

— O que fizeram?

— Deixamos tudo onde estava.

— Fizeram bem, sr. Mason. Você disse que *sir* Robert se ausentou ontem?... Sabe quando é que volta a Shoscombe?

— Provavelmente hoje.

— Quando ele se desfez do cão que pertencia à irmã?

— Hoje faz precisamente uma semana. O cachorro começou a uivar junto da velha casa onde está o depósito de água para regar o jardim, e *sir* Robert teve uma das suas fúrias; agarrou-o pela pele do cachaço e até pensei que fosse matá-lo, mas entregou-o ao jóquei Bain e mandou-o dar o bicho ao velho Barnes da taberna; berrou que nunca mais queria ver o animal por aquelas bandas.

Holmes acendeu o mais velho e mais queimado dos seus cachimbos e, por alguns momentos, ficou imerso em profunda reflexão. Por fim, inquiriu:

— Que pretende, sr. Mason, que eu faça neste caso?

— Desejava que esclarecesse toda esta situação anormal. A nossa vida no solar se tornou insuportável... e não somos só Stephens e eu que temos medo do patrão. Os meus rapazes já não se sentem bem nos estábulos... Talvez isto explique melhor a situação...

E o treinador de cavalos extraiu do bolso um pequeno embrulho, que desdobrou cuidadosamente, exibindo um fragmento de osso carbonizado.

Holmes examinou-o com interesse.

— Onde o encontrou?

— No forno de aquecimento central. Fica por baixo do quarto de *lady* Beatrice. Há muito que não funcionava mas, apesar de o tempo ter-se mantido estável, *sir* Robert se queixou de que estava frio e mandou consertá-lo. O encarregado do forno é Harvey, um dos meus cavaleiros. Foi o meu patrão quem o acendeu, pessoalmente. Então, hoje de manhã, quando Harvey limpava o forno, tirando a cinza com a pá, descobriu essa *coisa* e veio falar comigo, pois a descoberta lhe pareceu estranha.

— E a mim também — comentou Holmes de rosto franzido e passando-me o pedaço de osso.

— Que me diz, Watson?

— É um fragmento de um grande-trocanter, a parte superior de um fêmur humano, embora praticamente reduzido a carvão.

— Quando é que Harvey trata do forno?

— Acende-o de manhã, depois de limpar as cinzas da véspera.

— E tem mais que fazer, durante o dia?

— Naturalmente! Era o que faltava que só fizesse isso! O seu serviço é como o dos outros, tratar dos cavalos e lavar os estábulos.

— Nesse caso, qualquer pessoa pode ir à cripta durante a noite, enquanto o forno está aceso, não é assim?

— Certamente.

— A cripta só tem entrada pelo lado de fora?

— Não, sr. Holmes. Há uma porta de acesso no corredor, onde está situado o quarto de *lady* Beatrice.

— O caso está tomando um aspecto grave, sr. Mason! O senhor disse que, na noite passada, *sir* Robert não estava em casa?

— Não estava, não senhor.

— Então, não pode ter sido ele quem queimou os ossos... Como se chama aquela taberna?

— Green Dragon.

— E há muito peixe nessa zona do Berkshire?

Pela sua expressão, o honrado treinador deu claramente a entender que parecia estar diante de mais um lunático.

— Consta que há truta no riacho e lúcio na lagoa de Hall.

— Pois bem. O dr. Watson e eu somos pescadores inveterados... Não é verdade, Watson? A partir de agora, quando quiser se comunicar conosco, sr. Mason, dirija-se ao Green Dragon. Devemos estar nessa estalagem hoje à noite. Evidentemente, não convém que venha nos visitar, mas pode enviar-nos um bilhete e, se eu precisar do senhor, poderei procurá-lo no solar. Quero estudar melhor o caso antes de dar o meu parecer.

Foi assim que, numa clara noite de maio, Holmes e eu viajamos num vagão de primeira classe até a estaçãozinha da plataforma de Shoscombe.

A rede por cima das nossas cabeças estava atulhada de aparelhos e cestos de pesca. Chegando ao nosso destino, e após um breve trajeto de carruagem, deparamos com uma velha estalagem onde o dono, Josias Barnes, nos acolheu calorosamente, aprovando o nosso programa de pescarias na região.

— Que me diz da lagoa de Hall? Há lúcios por lá?

A atitude jovial do sr. Barnes sumiu.

— Não vá lá, senhor! Seria bem possível que, antes de se dar conta, estivesse dentro da água.

— Mas, por quê?

— Por causa de *sir* Robert. É terrivelmente zeloso da sua lagoa. Se visse estranhos como os senhores tão perto do seu campo de treinos, não deixaria de escorraçar-los. *Sir* Robert não se arrisca e toma qualquer desconhecido por espião dos seus cavalos.

— Ora... Ouvi dizer que possuí um cavalo que vai correr no Grande Prêmio.

— E que cavalo! Apostamos nele todo o nosso dinheiro, e *sir* Robert também... até mais do que tem.

Josias Barnes franziu as sobrancelhas e sondou, desconfiado:

— Os senhores não são do turfe, são?

— Nós, do turfe? Que idéia! Somos apenas dois cidadãos que fugiram fatigados da fumaça e do nevoeiro de Londres para os bons ares de Berkshire.

— Fizeram muito bem, mas não se esqueçam do que eu disse sobre *sir* Robert. Não se aproximem do campo de treinos, nem dos estábulos, nem sequer do Shoscombe Park, em volta da lagoa de Hall.

— Teremos esse cuidado, sr. Barnes... Ali na entrada tem um lindo cão, uivando baixinho...

— É realmente um belo cachorro, de pura raça Shoscombe. Não há melhor sangue *setter* em toda a Inglaterra.

— Gosto muito de cães. Se me permite a curiosidade, quanto pagou por um cão como aquele? — indagou Holmes, com os olhos fixos no cachorro e sem olhar para o sr. Barnes.

— Quanto paguei? Nunca poderia comprá-lo. Foi o próprio *sir* Robert quem me deu. É por isso que o tenho amarrado na entrada, pois, se o soltasse, correria logo em direção à lagoa.

Quando Barnes se afastou, Holmes comentou em voz baixa:

— Estamos perdendo alguns trunfos, Watson. Este jogo não é fácil, e talvez tenhamos de fazer umas paradas arriscadas... Como *sir* Robert ainda se encontra em Londres, conforme ouvi dizer há pouco, talvez pudéssemos entrar esta noite no seu reduto sem sermos escorraçados. Gostaria de verificar alguns pormenores...

— Já tem alguma opinião formada quanto ao caso, em geral?

— Bem, Watson, já sabemos que há coisa de uma semana algo ocorreu no solar que alterou completamente o ambiente familiar. Embora ignorando ainda o verdadeiro motivo, já estamos a par de alguns fatos: o irmão deixou de visitar a irmã inválida que tanto lhe era afeiçãoada e desfez-se do cachorro que ela possuía e que era a sua companhia favorita... É sintomático, Watson... Isto não lhe sugere nada?

— Talvez uma vingança do irmão, por despeito...

— Talvez sim, mas vejo uma outra alternativa... Repare que, desde a tal discussão, se é que realmente ocorreu, *lady* Beatrice alterou completamente os seus hábitos e nunca mais saiu do seu quarto, a não ser para um passeio de landau na companhia dessa Carrie; nunca mais falou com pessoa alguma, não vai aos estábulos e nem sequer se interessa pelo *Prince*, seu cavalo preferido... Finalmente, passou a se entregar à bebida... segundo diz o mordomo Stephens, que envia diariamente uma garrafa à dama de companhia. Estes fatos nos induzem a uma conjectura global do caso, não lhe parece?

— E ainda temos que considerar o incidente da cripta... — lembrei.

— Esse é outro curso de idéias. Há duas vias paralelas para o nosso raciocínio, e não convém confundi-las. A que diz respeito a *lady* Beatrice me parece vagamente sinistra, não acha?

— Não estou vendo aonde quer chegar, Holmes... — confessei.

— Já vai ver. Analisemos agora a outra via, que se refere a *sir* Robert. Atolou-se em dívidas e está nas mãos de agiotas judeus, que, assim como outros bancários e credores, podem de um momento para o outro penhorar os estábulos. Os únicos rendimentos de que pode dispor provêm da generosidade da irmã. Está numa situação desesperada, mas é um homem extremamente ousado, até violento, e tem por aliada a dama de companhia de *lady* Beatrice, que é sua amante. Portanto, pode ainda se considerar seguro, em terreno firme.

— Mas... e a cripta da capela?

— A cripta!... Suponhamos, Watson, mesmo por mera hipótese absurda, que *sir* Robert liquidou a irmã...

— Meu caro Holmes! — espantei-me. — Isso não é uma suposição pertinente!

— Efetivamente, é uma suposição improvável, já que *sir* Robert é um homem de destaque, de uma velha linhagem... Mas, às vezes, não encontramos “um abutre sanguinário entre as águas altaneiras”, como disse um poeta qualquer?

— Pope ⁽¹¹⁾ — elucidei, mas o meu amigo, encolhendo os ombros desdenhosamente, prosseguiu:

— Analisemos *a priori* essa hipótese. *Sir* Robert Noberton não pode se esquivar dos credores e, para fugir do país, precisa de dinheiro. Precisa de uma fortuna para restabelecer o equilíbrio da sua vida, e essa fortuna apenas depende do êxito espetacular do *Prince* de Shoscombe. Conseqüentemente, não pode abandonar os estábulos onde está o cavalo.

Tendo eliminado a irmã, tem de se livrar do cadáver e arranjar alguém para substituí-la no solar e no habitual passeio. Isso não seria impraticável, já que pode contar com a dama de companhia, sua íntima confidente.

O corpo de *lady* Beatrice pode ter sido levado para a cripta, lugar aonde praticamente ninguém vai, e em seguida cremado no forno de aquecimento central do solar. Pelo menos já temos uma prova de que alguém queimou um cadáver: o osso carbonizado que você identificou como sendo um fragmento de fêmur. Que me diz disto, Watson?

— Desde que se admita essa monstruosa suposição, tudo o mais é possível.

— Talvez possamos, Watson, tentar uma pequena experiência amanhã. Entretanto, convém convencer Barnes do nosso papel de turistas, convidando-o a beber conosco um copo do seu próprio vinho e mantendo uma conversação cerrada sobre enguias e tainhas. Talvez, casualmente, nos dê qualquer informação útil.

No dia seguinte, de manhã, Holmes verificou que se esqueceu da isca, o que nos impediu de pescar. Perto das onze horas, fomos dar uma volta, e o meu amigo pediu a Barnes que nos emprestasse o *setter* preto, que levamos conosco pela coleira.

Contornamos a margem da lagoa de Hall e nos aproximamos do Shoscombe Park até depararmos com um enorme portão cujos pilares laterais de pedra estavam rematados por dois grifos heráldicos.

— Segundo me disse Barnes — informou Holmes —, a velha *lady* Beatrice costuma dar o seu passeio habitual por volta do meio-dia. Como

⁽¹¹⁾ *Alexander Pope, poeta e filósofo londrino (1688/1744): verso da sua obra Satyres. (N. do T.)*

vê, o portão está fechado. Isso significa que, quando ela chegar a este local, terão de abri-lo. Então, quando o landau parar, será necessário, Watson, que você o atrase por uns segundos, fazendo uma pergunta qualquer ao cocheiro. Eu ficarei oculto atrás deste arbusto e não se preocupe comigo.

Não chegamos a esperar quinze minutos. Vimos se aproximar pela alameda a grande carruagem aberta, amarela, tendo dois esplêndidos cavalos de tiro, ruços, a trote largo.

Segurando o cão, Holmes agachou-se atrás do arbusto folhoso e eu permaneci perto de um dos pilares, balançando a bengala, numa atitude despreocupada. Quando o landau diminuiu a marcha, um empregado surgiu do interior do parque e veio abrir as pesadas portas de ferro forjado da entrada.

Como os cavalos já tinham começado a andar, pude ver nitidamente quem vinha na carruagem: uma mulher jovem e loira, de olhos maliciosos, que estava sentada à esquerda de uma senhora idosa, de costas arqueadas, envolta num grande xale e com um véu que lhe cobria praticamente todo o rostos caindo-lhe pelos ombros. Eram, obviamente, Carrie Evans e a doente *lady* Beatrice Falder.

Quando os cavalos entraram na estrada real, ergui a mão com um gesto imperativo e o cocheiro conteve os animais. Então, perguntei se *sir* Robert estaria no velho solar de Shoscombe.

No mesmo instante, Holmes saiu de trás do arbusto e soltou o *setter*. Este, com latidos de alegria, saltou para o estribo, mas logo a sua alegria se converteu em desespero e tentou morder raivosamente a saia preta da velha senhora. Imediatamente, esta, com uma voz grave e áspera, ordenou ao cocheiro:

— Toque os cavalos! Toque para diante!

O homem fustigou os cavalos, e Holmes e eu ficamos parados na estrada vendo o landau se afastar a trote largo.

— Então, que me diz, Watson? Temos mais um trunfo na mão, mas o jogo continua arriscado.

Holmes prendia o grampo da correia à coleira do cachorro, que ainda manifestava nervosismo.

— Viu, Watson? O cão pensou que seria *lady* Beatrice quem vinha na carruagem. Ao perceber o engano, não só ficou desiludido como se enfureceu contra a pessoa estranha que ocupava o lugar da sua dona. Ora, os cães não se enganam.

— Mas a voz, Holmes! — adverti, espantado. — Aquela voz tinha um timbre masculino. Era uma voz de homem!

— Exatamente, Watson, exatamente.

Como o meu companheiro não tivesse qualquer outro projeto para aquele dia, decidimos ir pescar no riacho mesmo sem iscas, utilizando apenas moscas artificiais. O resultado foi termos para o jantar um bom prato de trutas.

Só após essa refeição, Holmes decidiu prosseguir na investigação e voltamos ao portão dos grifos, onde nos aguardava um vulto magro e escuro: o nosso já conhecido sr. John Mason, treinador dos estábulos de Shoscombe.

— Boa noite, senhores — saudou. — Recebi o seu bilhete, sr. Holmes. *Sir Robert* ainda não voltou, mas ouvi dizer que é esperado esta noite.

— Qual é a distância entre o solar e a capela? — perguntou o meu amigo.

— Cerca de meio quilômetro.

— Nesse caso, não temos de nos preocupar com o seu patrão.

— Não posso dizer o mesmo, sr. Holmes, pois assim que ele chegar, vai querer saber notícias do *Prince*.

— Então, sr. Mason, temos de agir sem o senhor. Basta que nos mostre essa cripta e poderá voltar aos estábulos.

Não havia luar. Mason guiou-nos pelo prado até que surgiu na nossa frente um edifício escuro e arruinado. Entramos na capela por uma brecha de blocos de pedra empilhada que, outrora, tinham formado um portal romântico, e o nosso guia, tropeçando, nos levou para o fundo da decrépita nave onde uma escada íngreme dava acesso à cripta.

Riscando um fósforo, Holmes iluminou aquele lugar melancólico e sinistro que cheirava a umidade e cujas paredes o tempo desbotou. Diante de nós, alinhavam-se várias fileiras de túmulos de pedra e ataúdes de chumbo que se empilhavam em prateleiras de tijolo argamassado, até o teto. Tirando sua pequena lanterna do bolso, Holmes acendeu-a para examinar alguns túmulos, na sua maioria com coroas esculpidas, tendo por timbre um grifo com inscrições gravadas. Eram as insígnias dos membros daquela antiga família que, assim, as levavam para a morada das sombras.

— Antes de ir embora, sr. Mason, pode nos mostrar os ossos de que nos falou em Londres?

— Estão ali, naquele canto.

O treinador encaminhou-se para lá e parou, admirado.

— Já não estão mais aqui!

— Era o que eu esperava — disse Holmes. — É natural que as suas cinzas se encontrem no forno que quase consumiu o pedaço de osso que nos mostrou.

— Mas por que alguém teria interesse em queimar as ossadas de uma pessoa que já morreu há séculos?

— Foi para descobrir isso que viemos aqui... e, como a nossa pesquisa ainda vai demorar, não o deteremos por mais tempo. Talvez consigamos solucionar o mistério antes do amanhecer.

Depois de John Mason se retirar, Holmes começou a trabalhar febrilmente, examinando as sepulturas a partir de uma central e muito antiga, que parecia ser de um saxão. Percorreu uma longa fileira de túmulos, onde se liam nomes normandos, como Hugo e Odo, até chegar a uns *sir* William e *sir* Denis Falder, do século XVIII. Virou-se então para as prateleiras que continham ataúdes de chumbo e viu um deles de pé, encostado num canto, virado para a entrada ogival da cripta abobadada.

Emitiu um grasnido de satisfação, indicativo de que encontrara o que procurava. Com a lente, examinou os bordos da pesada tampa daquele antigo esquife de chumbo e bronze. Pouco depois, tirando do bolso do casaco um pequeno pé-de-cabra, introduziu-o numa fenda maior que provava que alguém havia aberto aquele caixão recentemente. A tampa, fixa somente por duas dobradiças, cedeu, mostrando parcialmente o seu conteúdo.

Neste momento, ocorreu uma interrupção imprevista. Ouvimos passos na capela, por cima de nós. Era o andar firme de alguém que tinha um propósito definido e conhecia bem o terreno em que pisava.

Um fecho de luz foi se tornando mais visível, enquanto esse alguém descia a escada, até que o vulto de um homem se recortou sob o arco gótico. Era um indivíduo de grande estatura e aspecto terrível. A lanterna que segurava iluminou o rosto de fortes maxilares, bigode farto e um olhar irado que percorreu os recantos da cripta, até que se fixou no local onde estávamos.

— Quem diabos são os senhores e o que fazem na minha propriedade?

Como Holmes, junto ao esquife, não respondeu, o homem avançou para ele e levantou a pesada bengala que trazia na mão.

— Está me ouvindo? Quem é você e o que está fazendo aqui? E esse, também, quem é?

Ergueu a bengala, pronto para golpear a cabeça do meu amigo, mas Holmes deteve-o, ao dizer gravemente:

— Também tenho uma pergunta a lhe fazer, *sir* Robert: de quem é este cadáver recente e o que está fazendo num ataúde antigo?

Virando-se, arrancou bruscamente a tampa. Ao clarão da lanterna, vi um corpo envolvido numa mortalha limpa. Tinha as feições de uma bruxa hedionda, pois só se podiam distinguir as proeminências do nariz adunco e do queixo pontiagudo, num rosto magro e esmaecido, e uns olhos vidrados que pareciam nos olhar vagamente.

Sir Robert, com um grito rouco, recuou e apoiou-se num dos túmulos.

— Como descobriu isso? — perguntou, num tom surdo.

Holmes não respondeu, e o nobre recuperou a atitude truculenta.

— Tem alguma coisa a ver com isso? Quem é o senhor?

— Chamo-me Sherlock Holmes, e é provável que já tenha ouvido falar no meu nome. Tenho tanto a ver com este assunto como qualquer cidadão que se preze em fazer cumprir a lei... E parece que o senhor tem responsabilidade neste caso.

A fúria do olhar de *sir* Robert reacendeu, mas a impassibilidade e a voz tranqüila de Holmes detiveram-no.

— Estou esperando, senhor.

— Juro-lhe, pelo nome de Deus, sr. Holmes, que não foi praticado nenhum crime. As aparências estão realmente contra mim, mas não pude agir de outra maneira.

— Creio que as suas explicações terão de ser dadas perante as autoridades policiais.

Sir Robert encolheu os largos ombros.

— Farei o que tiver de ser feito. Entretanto, venha à minha casa para poder julgar, por si mesmo, os fatos que provocaram esta situação.

Quinze minutos depois, estávamos numa sala que, pela fileira de armários com portas de vidro, contendo canos brunidos e lavrados de antigas carabinas e espingardas, devia ter sido a sala de armas do solar. Estava mobiliada confortavelmente, e *sir* Robert deixou-nos ali por alguns momentos. Ao voltar, vinha acompanhado pela mulher jovem e loira que

tínhamos visto no landau e por um homenzinho com cara de rato e olhar furtivo, desagradável. A expressão de ambos manifestava o seu assombro, porque o nobre não teve tempo para informá-los do novo rumo que os acontecimentos haviam tomado.

Sir Robert apresentou-os:

— Estes são o sr. Norlett e sua mulher, Carrie Evans, que se manteve durante anos como dama de companhia e criada de quarto de minha irmã.

Trouxe-os à sua presença porque são as únicas pessoas vivas que podem confirmar as minhas declarações, único meio que me resta para justificar a minha ação.

Carrie interveio vivamente:

— É necessário falar nisso, *sir* Robert? Já pensou no que vai fazer?

— Eu nada tenho a ver com o assunto — guinchou o marido. — Sou isento de qualquer responsabilidade.

Sir Robert lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Eu assumo todas as responsabilidades — declarou. — E agora, sr. Holmes, apesar de parecer bem inteirado dos meus assuntos, queira ouvir o verdadeiro relato dos fatos.

Como sabe, inscrevi um cavalo no Grande Prêmio Nacional. Se ele vencer a corrida, poderei reabilitar-me... Se perder... nem quero pensar nisso!

— Estou a par da situação — confirmou Holmes.

— Eu era totalmente dependente de minha irmã, *lady* Beatrice, mas evidentemente o usufruto dos rendimentos de Shoscombe acabaria quando ela morresse. Após sua morte, os credores se apoderariam de todos os bens, como um bando de abutres. Tudo seria levado pela penhora: o solar, os estábulos, os meus cavalos. Pois bem, sr. Holmes, minha irmã morreu há precisamente uma semana.

— E o senhor não contou sobre o falecimento a ninguém?

— Não tinha escolha. Achava-me diante de uma ruína completa. Contudo, se pudesse ocultar a notícia do óbito durante uma semana, estaria salvo. Carrie e eu pensamos... isto é, pensei que talvez o marido dela... este homem aqui presente... que é ator, pudesse substituir minha irmã aos olhos da criadagem.

Bastava ficar no quarto e só sair para o passeio diário de landau. Ninguém precisava entrar no quarto, pois seria Carrie quem daria diretamente intruções para o mordomo. Minha irmã morreu de hidropisia, enfermidade de que sofria há muitos anos.

— Competirá a um médico legista e a um júri a decisão quanto à causa da morte — objetou Holmes.

— O médico que cuidava dela poderá confirmar, por certificado oficial, que ultimamente os sintomas da doença se tinham agravado de maneira alarmante, ao ponto de já se prever aquele desfecho.

— E o senhor, que medidas tomou?

— O corpo de minha irmã não podia ficar aqui. Na primeira noite, com o auxílio de Norlett, transportei-o para a velha casa onde se encontra o depósito de água da irrigação, já há muito desabitada. Porém, fomos seguidos pelo *setter* que era companheiro inseparável de minha irmã. O cachorro não parava de ganir junto à porta e compreendi que precisava me livrar dele. Por isso dei-o a quem o estimasse. Depois, carregamos o corpo para a cripta da capela. Portanto, sr. Holmes, não cometi qualquer indignidade, pois não faltei ao devido respeito à minha falecida irmã.

— Pois a mim, *sir Robert* — censurou Holmes —, o seu procedimento parece-me injustificável!

Impaciente, *sir Robert* abanou a cabeça.

— Não custa pregar moral, mas, se o senhor estivesse na minha situação, talvez pensasse de outro modo! Quando todas as esperanças estão frustradas e todos os planos fracassados, tudo se faz em busca de uma salvação. Por isso, pensei que não cometeria qualquer baixeza ao colocar o corpo de minha irmã no ataúde de um dos antepassados de seu marido, que jazem no chão sagrado da capela.

Evidentemente, não podíamos deixar na cripta as ossadas que havíamos retirado do ataúde. Norlett e eu as colocamos no forno, onde se cremaram.

Isto foi, sr. Holmes, o que na verdade aconteceu... Só não compreendo como o senhor conseguiu desvendar o meu segredo, forçando-me assim a relatar tudo isto.

— Há uma falha nessa versão, *sir Robert* — observou Holmes. — As suas esperanças no futuro, com base nas apostas, prevaleceriam mesmo se os seus credores lhe tomassem todos os bens.

— As minhas esperanças residem na vitória do meu cavalo *Prince*. Ora, tanto ele como todos os demais cavalos que se encontram nos estábulos, fazem parte dos bens penhorados. Infelizmente, o meu principal credor e também o meu mais feroz inimigo é esse agiota... um canalha... Sam Brewer, a quem uma vez, no Newmarket Heath, me vi obrigado a chicoter. Acha

que esse patife consentiria que eu me salvasse? E os outros credores?... Julga, porventura, que se interessariam pelas minhas apostas? Nem sequer consentiriam que *Prince* corresse, na ânsia de embolsarem todos os bens.

Levantando-se, Holmes concluiu:

— Este caso, *sir* Robert, terá de ser levado ao conhecimento das autoridades policiais. A minha obrigação limita-se a esclarecer os fatos. Quanto à moral ou dignidade do seu procedimento, não me compete julgar... Pouco falta para a meia-noite, Watson, e creio que já podemos pensar em voltar para a nossa humilde morada.

Hoje em dia, é do domínio público que este insólito episódio teve um final mais feliz do que mereciam os atos de *sir* Robert Noberton.

Os credores concordaram em esperar pela corrida. *Prince* de Shoscombe venceu o Grande Prêmio Nacional. E *sir* Robert pôde embolsar oitenta mil libras de apostas.

Depois de ter pago integralmente as suas dívidas, ainda sobrou dinheiro suficiente para reintegrar-se na sociedade, numa situação confortável.

Tanto a polícia como o júri consideraram, com tolerante benignidade, a trasladação do corpo de *lady* Beatrice, embora tivessem censurado... talvez com muita brandura... a demora ilegal da notificação do óbito. O afortunado *sir* Robert escapou judicialmente ileso do incidente e, sobrevivendo às sombras do passado, o seu atual comportamento parece lhe proporcionar uma honrada velhice.

O DESAPARECIMENTO DE LADY FRANCES CARFAX

— **P**or que turco? — perguntou Sherlock Holmes, olhando fixamente para minhas botas. Eu estava estirado numa poltrona de vime, e os meus pés esticados para a frente tinham chamado sua atenção.

— As minhas botas são de fabricação inglesa e não turca — respondi, surpreso. — Comprei-as no Latimer, na Oxford Street.

Holmes sorriu com uma expressão de paciência cansada.

— Refiro-me ao banho! — explicou ele. — Ao banho! Por que usa o dissolvente e caro banho turco em vez da revigorante ducha nacional?

— Porque tenho andado com um pouco de reumatismo nestes últimos dias. O banho turco é o que em medicina chamamos um alterante, isto é,

um revigorador, um purificador do sistema. Entretanto, Holmes — acrescentei —, embora eu não duvide de que haja entre as minhas botas e o banho turco uma relação evidentíssima para um espírito observador, ficaria grato se me explicasse.

— O raciocínio não é muito obscuro, Watson — respondeu Holmes, com um sorriso malicioso. — É uma dedução elementaríssima e da qual ainda poderia dar um exemplo, perguntando quem lhe fez companhia no coche esta manhã.

— Um simples exemplo não é uma explicação — respondi eu, com algum mau humor.

— Bravo, Watson! Eis uma observação notável. Vejamos portanto o meu raciocínio. Consideremos em primeiro lugar o coche. Observe que tem a manga e o ombro esquerdo do casaco salpicados de lama. Se estivesse sentado no meio do assento, provavelmente não teria esses pingos de lama e, se os tivesse, seriam simétricos. Portanto, é claro que se sentou mais para um lado. Portanto, é igualmente claro que teve um companheiro.

— Tudo isso é muito evidente.

— Basta um pouco de bom senso para chegar a estas conclusões, não acha?

— Mas e as botas e o banho?

— É igualmente fácilimo. Você tem o hábito de levantar os pés de um certo modo. Quando os levantou, observei que os cordões das suas botas estavam atados com um cuidadoso laço duplo, o qual não é o seu modo usual de atá-los. Logo, os cordões foram atados por outra pessoa. Quem seria essa pessoa? Um sapateiro ou o funcionário da casa de banhos. A hipótese de ter sido um sapateiro não é aceitável, pois as botas estão quase novas. Bem, o que nos resta? O banho. Simples, não é verdade? Para concluir, resta-me dizer que esta minha palestra sobre o banho turco teve um objetivo em vista.

— Qual?

— Gostaria de sugerir uma estação de águas. Que lhe parece uma estada em Lausane, meu caro Watson? Com passagens de primeira classe e todas as despesas pagas principescamente?

— Esplêndido! Mas para quê?

Holmes recostou-se na poltrona e tirou do bolso um bloco de notas.

— Uma das mais perigosas classes do mundo — disse ele — é a mulher irrequieta que não tem parentes nem amigos que se interessem por ela. É a mais inofensiva e, muitas vezes, a mais prestimosa das pessoas deste mundo, porém, inevitavelmente, leva outras pessoas ao crime. Geralmente essas mulheres gostam de viajar; possuem meios suficientes para andar de país para país e de hotel para hotel; hospedam-se em pensões pouco conhecidas e aí permanecem ignoradas. Comparo-as a gordas galinhas perdidas num mundo de raposas. Uma vez descobertas, dificilmente escapam. Receio que tenha acontecido alguma coisa a *lady* Frances Carfax.

Fiquei bastante aliviado com esta descida do geral ao particular. Holmes consultou as suas notas sobre o caso.

— *Lady* Frances — prosseguiu — é a única descendente direta do último conde de Rufton. Como você deve saber, os bens de raiz cabem por herança aos descendentes do sexo masculino, por isso *lady* Frances não possui muita coisa. No entanto, recebeu como herança uma coleção de antigas jóias espanholas de prata e diamantes, cuidadosamente trabalhadas, que ela estimava muito. Tanto que se recusava a deixá-las depositadas no banco e trazia-as sempre consigo. *Lady* Frances é uma senhora atraente, uma bela mulher, apesar de já não ser muito jovem. E a sua beleza é apenas uma sombra do que era há vinte anos.

— Mas o que aconteceu?

— O que aconteceu a *lady* Frances? Está viva ou morta? Eis o nosso problema. É uma senhora metódica, de hábitos rigorosos; e há quatro anos, de duas em duas semanas, invariavelmente, costuma escrever uma carta a srta. Dobney, sua velha governanta aposentada há muito tempo, que vive em Camberwell. Foi a srta. Dobney quem veio me consultar. Há cinco semanas não tem a menor notícia de *lady* Frances. A última carta que recebeu foi escrita do Hotel Nacional, em Lausane. Parece que *lady* Frances saiu do hotel sem deixar o seu novo endereço. Os parentes estão preocupados com esse desaparecimento e, como são riquíssimos, não pouparão dinheiro para esclarecer completamente o caso.

— Mas é a srta. Dobney a nossa única fonte de informações? Certamente deve haver outras pessoas com quem ela se correspondia.

— Há o banco. As senhoras solteiras também precisam viver, e as suas contas correntes são verdadeiros relatórios do que elas fazem, resumidos em algarismos. Os seus haveres estavam depositados no banco de Silvester.

Fui até lá e pedi para ver as suas contas correntes. O último cheque foi sacado em Lausane, para pagar as despesas de estada nessa cidade, e era de uma quantia elevada; provavelmente, sobrou-lhe muito dinheiro. Depois desse, só foi pago mais um cheque.

— A quem e onde?

— À srta. Marie Devine. Não pude saber onde. Só sei que estava em caixa no crédito lionês, em Montpellier, há menos de três semanas. Era no valor de cinqüenta libras.

— E quem é a srta. Marie Devine?

— Consegui esclarecer esse ponto. A srta. Marie Devine era a criada de *lady* Frances Carfax. Mas ainda não descobri por que ela passou este cheque. Mas tenho a certeza absoluta de que as investigações que você vai fazer esclarecerão logo isso.

— As investigações que eu vou fazer?

— É esse justamente o motivo da sua estada na estação de águas em Lausane. Bem sabe que é muito difícil para mim sair de Londres, enquanto o velho Abraão recluir tanto pela própria vida. Além disso, sob um ponto de vista mais geral, é melhor que eu não saia daqui. A Scotland Yard sente-se sozinha sem mim, e a minha partida iria despertar uma excitação indesejável entre as classes criminosas. Vá, portanto, meu caro Watson, e se achar que o meu humilde conselho vale alguma coisa, estarei aqui ao seu dispor dia e noite, nesta extremidade do telégrafo continental.

Dois dias depois achava-me no Hotel Nacional, onde recebi as maiores atenções do sr. Moser, o famoso gerente do hotel. *Lady* Frances — informou-me ele — estivera no hotel durante várias semanas. Era muito estimada por todas as pessoas com quem travara relações. Não podia ter mais de quarenta anos. Era ainda bonita e, quando jovem, devia ter sido linda. O sr. Moser nada sabia a respeito das jóias, mas as criadas do hotel tinham notado, no quarto de *lady* Frances, um cofre que estava sempre cuidadosamente fechado. Marie Devine, a criada, era tão estimada como a senhora. Ia se casar com o chefe dos criados do hotel, Jules Vibart, e foi facilímo conseguir seu endereço: Rua Trajane, nº 11, Montpellier. Tomei nota de tudo isso e intimamente pensei que o próprio Holmes não teria obtido estas informações com maior habilidade.

Porém, alguma coisa ficou obscura. Nenhuma das informações que eu possuía esclarecia a causa da súbita partida de *lady* Frances. Ela estava muito satisfeita em Lausane. Tudo levava a crer que pretendia passar toda a estação

nos seus luxuosos aposentos de frente para o lago. E, no entanto, partira, perdendo uma semana de hospedagem paga adiantadamente. Só Jules Vibart, o noivo da criada, teve uma sugestão a oferecer. Este homem relacionava aquela partida repentina com a visita que a senhora recebera, dois dias antes, de um homem alto, moreno e barbado.

— *Um sauvage! Um véritable sauvage!* — exclamou Jules Vibart. — O homem estava hospedado em algum lugar na cidade. Tinham visto quando ele conversava animadamente com *lady* Frances na avenida que contorna o lago. Depois, ele veio visitá-la no hotel e ela se recusou a recebê-lo. Esse homem era inglês, mas Jules não se recordava do nome dele. Madame partira logo depois. Jules Vibart e, o que era mais importante, a noiva de Jules Vibart, pensavam que esta visita e a partida estavam ligadas. Só uma coisa Jules não podia dizer: o motivo pelo qual Marie se separou de *lady* Frances. A este respeito nada podia ou nada queria dizer. Se eu quisesse sabê-lo, teria que ir a Montpellier e perguntar pessoalmente.

Assim terminou o primeiro capítulo das minhas investigações. O segundo capítulo foi dedicado ao lugar para onde foi *lady* Frances Carfax ao sair de Lausane. Sobre este assunto tudo era obscuro, o que confirmava a hipótese de que ela teria partido com a intenção de despistar alguém. Caso contrário, por que razão não endereçou a sua bagagem diretamente para Baden? *Lady* Frances chegou até o Reno por vias indiretas; foi o que deduzi das informações do agente do correio local. Segui portanto para Baden, tendo antes telegrafado a Holmes narrando-lhe resumidamente as minhas diligências e recebendo como resposta um telegrama de cumprimentos um tanto irônico.

Em Baden, não foi difícil seguir a pista da desaparecida. *Lady* Frances esteve hospedada no English Hotel durante quinze dias. Durante a sua estada, travou relações com o dr. Schlessinger, um missionário da América do Sul, e sua esposa. Como acontece com muitas senhoras solteiras, *lady* Frances achou na religião ao mesmo tempo um amparo e uma ocupação. A personalidade notável do dr. Schlessinger, a sua incansável devoção à causa religiosa e o fato de ele estar convalescendo de uma doença contraída no exercício dos seus deveres apostólicos, impressionaram profundamente *lady* Frances. Ela auxiliou a sra. Schlessinger a tratar do convalescente, que passava o dia, conforme me contou o gerente do hotel, no alpendre, deitado numa espreguiçadeira, tendo ao lado as duas dedicadas enfermeiras. Estava preparando um mapa da Terra Santa, focando especialmente o Reino dos

Medianitas, a respeito do qual estava escrevendo uma monografia. Tendo melhorado sensivelmente, ele e a esposa haviam voltado para Londres; e *lady* Frances partiu com eles. Isto aconteceu havia três semanas. Era tudo o que o hoteleiro sabia. Quanto à criada, Marie, também foi embora há alguns dias, banhada em lágrimas, depois de ter informado as outras criadas de que deixara para sempre o serviço de *lady* Frances. O dr. Schlessinger, antes de partir, pagou a conta de todos eles.

— É verdade — concluiu o hoteleiro —, o senhor não é o único amigo de *lady* Frances Carfax que a procura. Há uma semana, aproximadamente, esteve um homem aqui com o mesmo fim.

— Deu o nome?

— Não, senhor. Era inglês, mas de tipo pouco comum.

— Um selvagem? — perguntei, ligando os fatos, à maneira do meu ilustre amigo.

— Exatamente. É uma expressão que calha muito bem. Trata-se de um sujeito corpulento, barbudo e queimado de sol, que devia estar mais à vontade numa fazenda do que num hotel de luxo. Pareceu-me um homem rude e altivo, com o qual a gente deve procurar viver em paz.

Os fatos começaram a se esclarecer. Dissolviam-se as névoas do mistério e as personagens definiam-se. Havia uma senhora boa e piedosa perseguida por um vulto sinistro e inexorável. Ela tinha medo dele, senão não teria fugido de Lausane. Ele a seguiu. Cedo ou tarde ela cairia em suas mãos. E se ela já houvesse caído em seu poder? Não seria esta a causa do contínuo silêncio de *lady* Frances? Poderiam os seus bondosos companheiros de viagem protegê-la contra alguma violência ou extorsão? Qual a causa profunda, qual o horrível desígnio oculto sob esta longa perseguição? Era este o problema que eu tinha de resolver.

Escrevi a Holmes narrando como cheguei rapidamente ao fundo da questão. Recebi em resposta um telegrama me pedindo a descrição da orelha esquerda do dr. Schlessinger. O humorismo de Holmes é estranho e muitas vezes ofensivo, de modo que não dei importância ao gracejo; além disso, quando recebi o telegrama, eu já tinha chegado a Montpellier em busca da criada Marie.

Foi fácil descobrir a ex-criada e me informar de tudo o que ela sabia. Era muito dedicada a *lady* Frances e só a deixou porque estava certa de que ela ficou em boas mãos e, além disso, porque ia se casar e era inevitável a separação. *Lady* Frances, confessou-me Marie, mostrara-se um pouco irritada

para com ela durante a estada em Baden; parecia suspeitar da sua honestidade. Isto tornou mais fácil a separação. Deu-lhe cinquenta libras como presente de núpcias. Como eu, também Marie desconfiava do homem que fizera a sua senhora fugir de Lausane; com os seus próprios olhos, viu o homem agarrar violentamente o punho de *lady* Frances na avenida que circula o lago. Era um homem arrogante e feroz. Marie pensava que a senhora concordara em ser acompanhada pelos Schlessinger até Londres, unicamente para ficar a salvo de alguma violência por parte dele. *Lady* Frances nunca conversou com Marie sobre este assunto, mas numerosos pequenos indícios convenceram-na de que a pobre senhora vivia num estado de permanente apreensão. A ex-criada prosseguia na sua narração quando, de repente, se levantou com a face contraída de surpresa e de pavor.

— Veja! — exclamou. — O homem ainda está nos seguindo! Lá está ele!

Pela janela da sala de visitas avistei um homem espadaúdo, bronzeado, com uma barba negra e eriçada, caminhando devagar pelo meio da rua e olhando cuidadosamente para o número das casas. Era evidente que, como eu, também ele veio em busca da criada. Agindo impulsivamente, corri até a rua e abordei-o.

— O senhor é inglês? — inquiri.

— Suponhamos que o seja; e daí? — respondeu-me, franzindo as sobranceiras.

— Posso saber o seu nome?

— Não, senhor.

A minha situação era, além de insustentável, desastrosa. Resolvi ir diretamente ao assunto.

— Onde está *lady* Frances Carfax? — perguntei.

Ele olhou-me estupefato.

— Que fez o senhor dela? Por que a persegue? Exijo uma resposta! — insisti.

O homem soltou um urro de raiva e, com um salto de tigre, atirou-se sobre mim. Sou bastante vigoroso, mas o desconhecido tinha um pulso de ferro e parecia um touro furioso. Com um formidável murro deixou-me quase sem sentidos; eu já me sentia desmaiar quando um operário francês, vestido com um blusão azul, saiu para fora de uma taberna situada em frente, segurando um pau e aplicando uma pancada violenta no antebraço

do meu agressor, obrigando-o a me largar. Durante alguns segundos, o homem ficou arquejando de cólera, indeciso se deveria ou não revidar o ataque. Depois, grunhindo de raiva, resolveu me deixar e entrou na casa da qual eu acabara de sair. Virei-me para agradecer ao meu salvador, que ficou ao meu lado na rua.

— Muito bem, Watson — aplaudiu —, que bela trapalhada você foi arranjar! Aconselho-o a voltar comigo para Londres no expresso desta noite.

Uma hora depois Sherlock Holmes, vestido com a sua peculiar elegância e estilo, estava sentado no meu quarto no hotel. A explicação do seu inesperado e oportuno aparecimento era muito simples. Resolvendo-se a sair de Londres, resolvera se encontrar comigo em Montpellier. Disfarçado de operário, esteve à minha espera na taverna.

— E que investigação singularmente completa você fez, meu caro Watson!

— Se você estivesse no meu lugar, talvez não fizesse melhor — respondi com certa aspereza.

— Não há “talvez” a este respeito. Eu fiz coisa melhor. Está nos esperando o sr. Philip Green, que também mora neste hotel. Talvez ele seja o melhor ponto de partida para as nossas investigações.

Tinham trazido um cartão numa bandeja de prata. Holmes mandou entrar o sr. Green, que era ninguém menos que o meu barbudo agressor. Ao me ver, parou.

— Que significa isto, sr. Holmes? Recebi o seu recado e vim. Mas o que veio fazer este homem?

— Este é o meu velho amigo e companheiro, dr. Watson, que está nos auxiliando a resolver este caso.

O homem estendeu-me a mão grande e tisonada, com algumas palavras de desculpa.

— Espero não tê-lo machucado. Quando o senhor me acusou de perseguir *lady* Frances, perdi a cabeça. Na verdade, não sou responsável por mim nestes últimos dias. Tenho pavio curto. Entretanto, não compreendo a situação. Em primeiro lugar, sr. Holmes, preciso que me diga de que modo soube da minha existência.

— Estou em contato com a srta. Dobney, governanta de *lady* Frances.

— Ah! Sim, a velha Susana Dobney! Lembro-me muito bem dela.

— E ela também se recorda do senhor. Conheceu-o no tempo em que... em que o senhor ainda não tinha pensado em ir para a África do Sul.

— Vejo que conhece toda a minha história. Nada tenho a esconder. Juro-lhe, sr. Holmes, que nunca houve no mundo homem que amasse uma mulher tanto quanto eu amei Frances. Eu era um rapaz estabonado e rude demais, sei disso, mas não era pior do que outros da minha classe. Mas o espírito dela tinha a pureza da neve. Frances não podia tolerar a mais leve sombra de uma grosseria. E assim, quando soube das coisas que eu fiz, não quis mais saber de mim. Porém, o que é para admirar, ela me amava tanto que ficou solteira somente por minha causa. Passaram-se os anos e eu consegui fazer fortuna em Barberton. Pensei então que se eu a procurasse talvez conseguisse reconquistá-la. Encontrei-a em Lausane e fiz tudo o que podia para reatarmos o romance. Acredito que as minhas palavras a tenham abalado, mas Frances era um espírito forte e, quando fui visitá-la novamente, soube que havia deixado a cidade. De investigação em investigação, consegui descobrir que foi para Baden, mas já não a encontrei lá. Soube então que a criada estava aqui. Sou um homem rude, adaptado a uma vida de luta incessante; quando o dr. Watson me dirigiu aquelas palavras, fiquei fora de mim. Mas, pelo amor de Deus, diga-me o que aconteceu com *lady* Frances.

— É isso que estamos tentando descobrir — respondeu Holmes com a sua peculiar gravidade. — Qual é o seu endereço em Londres, sr. Green?

— Hotel Langham.

— Então permita-me que o aconselhe a ir para lá e ficar à minha disposição até que eu precise do seu auxílio. Não desejo dar falsas esperanças, mas esteja certo de que farei tudo o que estiver ao meu alcance para salvar *lady* Frances. Por enquanto, nada mais posso dizer. Guarde este meu cartão, para que possa ficar em contato conosco. Agora, Watson, se quiser arrumar as suas malas... Eu já telegrafarei à sra. Hudson para preparar um succulento jantar para dois viajantes famintos que chegarão amanhã às sete horas e trinta minutos.

Encontramos um telegrama ao chegarmos ao nosso apartamento na Baker Street. Holmes leu-o com uma exclamação de interesse e jogou-o para mim. O telegrama foi enviado de Baden e dizia apenas: “Dentada ou dilacerada”.

— Que significa isto?

— Isto é tudo — respondeu Holmes. — Lembra-se da minha pergunta, aparentemente sem importância, a respeito da orelha esquerda do dr. Schlessinger?

— Não pude verificar isso, porque quando recebi o seu telegrama já não estava em Baden.

— Eu sei. Por esse motivo, mandei outro telegrama idêntico para o recepcionista do English Hotel. E aqui está a resposta.

— E para que nos serve isso?

— Meu caro Watson, isso nos revela que estamos lidando com um homem excepcionalmente esperto e perigoso. O reverendo dr. Schlessinger, missionário da América do Sul, não é outro senão Henry Peters, um dos mais perigosos patifes que a Austrália já produziu. Especializou-se em mistificar senhoras solteiras ou viúvas, explorando-lhes o sentimento religioso. A mulher que se passa por sua esposa é uma inglesa chamada Fraser, e é digna do marido. A tática usada para ludibriar *lady* Frances me fez pensar nele. O seu defeito físico (ele levou uma dentada na orelha numa briga de taberna em Adelaide, em 1889) confirmou as minhas suspeitas. A pobre senhora está em poder de dois criminosos capazes de tudo, Watson. Que ela já esteja morta é uma suposição perfeitamente aceitável. Se não estiver, é porque se encontra presa em algum lugar e, por isso, impossibilitada de escrever à srta. Dobney ou a qualquer outro dos seus amigos. Tudo me leva a crer que os patifes a trouxeram para Londres, pois é o lugar onde poderiam mantê-la prisioneira com maior facilidade. Mas como por enquanto não é possível sabermos em que lugar de Londres estão, concluo que devemos tomar as providências necessárias, jantarmos e nos enchermos de paciência. Irei hoje à tarde trocar idéias com o amigo Lestrade, da Scotland Yard.

Mas nem a polícia, nem as investigações do próprio Holmes conseguiram desvendar esse mistério. Entre os milhões de habitantes de Londres, as três pessoas que procurávamos eram tão invisíveis como se nunca tivessem existido. Todas as sugestões e pistas que foram seguidas falharam completamente. Todos os antros de criminosos onde poderíamos encontrar Schlessinger foram vasculhados em vão. Os velhos companheiros do criminoso foram vigiados, mas inutilmente. Até que, repentinamente, após uma semana de investigações infrutíferas, brilhou um raio de luz. Um brinco de prata e brilhantes, trabalhado no velho estilo espanhol, foi empenhado na casa de penhores Bevington, na Westminster Road. O homem que o levava era alto, de barba feita e de aparência clerical. Verificou-se que o nome e endereço que deu eram falsos. O empregado da casa de penhores não reparou na orelha, mas a descrição correspondia a Schlessinger.

Por três vezes o nosso amigo sr. Green veio nos visitar em busca de notícias; a terceira vez calhou uma hora depois desta feliz novidade.

A roupa parecia dançar-lhe no corpo vigoroso, como se tivesse emagrecido de ansiedade.

“Se quisesse me dar alguma coisa para fazer!”, era a sua constante súplica. Enfim Holmes podia satisfazê-lo.

— O homem começou a penhorar as jóias. Conseguiremos apanhá-lo.

— Mas isso significa que aconteceu alguma coisa com *lady* Frances?

Holmes acenou gravemente com a cabeça.

— Supondo que eles a mantiveram presa até agora, é claro que se a deixassem em liberdade estariam perdidos. Devemos estar preparados para as piores hipóteses.

— Que posso fazer para auxiliá-lo?

— Essa gente não o conhece de vista?

— Não.

— É possível que, futuramente, eles procurem outra casa de penhores. Neste caso será preciso recomençar. Por outro lado, pagaram-lhe bastante pela jóia e não fizeram perguntas; portanto, se ele necessitar de mais dinheiro e tiver pressa em obtê-lo, é natural que volte ao Bevington. Darei um cartão de apresentação para que o senhor possa esperar na loja. Se o homem aparecer, siga-o. Mas nada de indiscrições e, principalmente, nada de violências. Dê-me a sua palavra de honra de que não dará um passo sem o meu conhecimento e consentimento.

Durante dois dias, Philip Green — que era o filho do famoso almirante do mesmo nome que comandou a esquadra do Mar de Azoff na guerra da Criméia — não nos trouxe nenhuma notícia. Na tarde do terceiro dia, entrou em nossa sala de visitas, pálido, trêmulo, com todos os músculos do robusto tórax contraídos convulsivamente pela excitação.

— Nós o apanhamos! Enfim!

Era tal a sua agitação que as palavras saíam incoerentes. Holmes acalmou-o e o fez se sentar numa poltrona.

— Diga-nos agora o que aconteceu.

— Ela foi à casa de penhores há uma hora apenas. Desta vez foi a mulher. Trouxe o outro brinco, igual ao primeiro. É uma mulher alta, pálida, com olhar de furão.

— É a Fraser em pessoa — observou Holmes.

— Ela saiu e eu a segui. Dirigiu-se para a Kennington Road e entrou numa loja! Sr. Holmes, a loja era de uma empresa funerária.

Holmes estremeceu.

— Bem, e depois? — perguntou, com uma voz vibrante que traía a impaciência que se escondia sob a máscara impassível do seu rosto.

— Ela conversou com uma mulher que estava ao balcão. Entrei. “Já passa da hora”, dizia a Fraser. A mulher do balcão desculpou-se: “Já deveria lá estar, mas levou mais tempo porque o tamanho é pouco comum”. Interromperam a conversa e olharam para mim. Fiz uma pergunta qualquer e saí.

— Fez muito bem. Que aconteceu depois?

— A Fraser saiu. Eu me escondi num vão de escada. Parece que ela desconfiava de qualquer coisa, pois olhou ao redor. Depois chamou um coche e entrou. Tive a felicidade de arranjar outro para segui-la. Desceu por fim, na Poculthney Square nº 36, em Brixton. Um pouco adiante, desci do coche numa esquina da praça e fiquei vigiando a casa.

— Viu alguém?

— As janelas estavam todas fechadas, exceto uma no andar inferior. Mas a cortina estava fechada e eu não pude ver dentro da casa. E fiquei ali pensando no que deveria fazer, quando chegou uma carroça coberta, com dois homens à frente. Os homens desceram, tiraram qualquer coisa volumosa do interior da carroça e subiram a escada, levando a tal coisa para o vestíbulo. Essa coisa, sr. Holmes, era um caixão.

— Ah!

— A minha primeira idéia foi me atirar dentro da casa. A porta se abriu para deixar passar os dois homens com a sua carga. Foi a mulher quem veio abri-la. Ela me avistou e acho que me reconheceu. Percebi que se assustou e fechou a porta apressadamente. Lembrei-me do que lhe havia prometido e aqui estou.

— O senhor fez um ótimo trabalho — disse Holmes escrevendo algumas palavras numa folha de papel. — Não podemos agir legalmente sem um mandado de busca, de maneira que o senhor poderá auxiliar-nos levando este bilhete às autoridades e trazendo o mandado. Vai encontrar alguma dificuldade para obtê-lo, mas acredito que a venda das jóias é motivo suficiente. Lestrade cuidará de todos os detalhes.

— Mas eles podem assassiná-la. Que significa o caixão e para quem seria ele, a não ser para *lady* Frances?

— Faremos tudo o que for possível fazer, sr. Green. Não temos um momento a perder. Deixe o caso nas nossas mãos. Agora, Watson —

acrescentou Holmes, enquanto o nosso cliente saía apressado —, ele vai pôr as forças regulares em movimento. Nós somos, como de costume, as forças irregulares e temos de decidir sobre a nossa linha de conduta. A situação parece desesperadora e capaz de justificar as mais extremas medidas. Vamos imediatamente para Poultney Square.

Tentemos reconstruir a situação — programou, enquanto o nosso coche passava a galope, defronte do Parlamento e entrava na parte de Westminster. — Aqueles patifes persuadiram a infeliz senhora a vir com eles para Londres, depois de a separarem da fiel criada que a acompanhava. Se ela escreveu algumas cartas, foram interceptadas. Por intermédio de outro malandro qualquer, associado à empresa, alugaram uma casa mobiliada. Assim que a apanharam lá, fizeram-na prisioneira e se apossaram das jóias, que eram justamente o objetivo de toda a tramóia. Começaram a vender parte destas jóias sem o menor receio, pois julgavam que ninguém se interessava pela sorte de *lady* Frances. Mas ela é um estorvo importuno porque, se a libertarem, ela os denunciará. Portanto não podem libertá-la. Mas, por outro lado, não podem tê-la encarcerada eternamente. Logo, o assassinato é a única solução.

— É evidente.

— Sigamos agora outro raciocínio. Ao seguirmos duas cadeias de raciocínios separadamente, Watson, acharemos sempre um ponto que nos aproxima da verdade. Tomemos agora como ponto de partida, não *lady* Frances, mas sim o caixão. Receio termos aqui uma prova evidente de que ela está morta. Isto indica também que será enterrada com atestado de óbito e todos os demais documentos exigidos por lei. Se eles a tivessem assassinado, abririam uma cova no quintal da casa e a enterrariam ali mesmo. Mas neste caso estão fazendo tudo às claras e de acordo com os preceitos legais. Por quê? Certamente porque a fizeram morrer de modo que parecesse natural e enganasse o médico. Envenenamento talvez. Mas me parece estranho o fato de eles deixarem um médico se aproximar dela, a não ser que o médico também faça parte da quadrilha, o que é uma hipótese quase inaceitável.

— Não poderiam falsificar o atestado de óbito?

— Seria perigoso, meu caro Watson, muito perigoso. Não posso crer que o tenham feito. Alto, cocheiro! É aqui sem dúvida a empresa funerária, porque acabamos justamente de passar pela casa de penhores. Você quer ir até lá, Watson? Você tem uma aparência que inspira respeito. Pergunte a que horas é o enterro que sai da Poultney Square amanhã.

— A mulher da loja me respondeu sem hesitar que seria às oito horas da manhã seguinte.

— Vê, Watson? Eles nada procuram ocultar; foi tudo feito às claras. É evidente que as exigências legais foram cumpridas e que eles julgam que nada têm a temer. Bem, teremos de tentar um ataque direto. Vem armado?

— Tenho a minha bengala.

— E basta. “Quem bate com razão, é três vezes mais forte.” O que não podemos é esperar pela polícia, nem aguardar as formalidades legais. Cocheiro, toca para diante! E agora, Watson, confiemos na nossa boa estrela.

Holmes bateu com força à porta de um casarão sombrio da Poultney Square. Esta se abriu imediatamente e na penumbra do vestíbulo vimos a silhueta alta e magra de uma mulher.

— Que desejam os senhores? — perguntou ela secamente.

— Preciso falar com o dr. Schlessinger — respondeu Holmes.

— Essa pessoa não mora aqui — replicou a mulher, tentando fechar a porta. Mas Holmes a segurou com o pé.

— Neste caso preciso falar com o homem que mora aqui, seja qual for o seu nome — disse Holmes resolutamente.

A mulher hesitou. Depois abriu a porta.

— Está bem, entre! O meu marido não teme ninguém.

Entramos. Fechou a porta e, indicando-nos a sala de visitas à direita do vestíbulo, acendeu o gás e saiu depois de anunciar:

— Peters vem já.

E assim foi. Mal tivemos tempo de observar a sala empoeirada, que cheirava a bolor; a porta se abriu e entrou um homem alto, calvo, de rosto cuidadosamente barbeado. Tinha as faces vermelhas, as bochechas caídas e um ar de benevolência que contrastava com a boca contraída num rito de crueldade.

— Certamente há algum engano, meus senhores — disse com voz untuosa. — Talvez lhes deram algum endereço errado e...

— Não temos tempo a perder — replicou o meu companheiro com firmeza. — O senhor é Henry Peters, natural de Adelaide. Há pouco tempo estive em Baden e fez-se passar pelo reverendo dr. Schlessinger, missionário da América do Sul. Estou tão certo disso como de me chamar Sherlock Holmes.

Peters estremeceu e encarou o seu formidável adversário.

— Saiba, sr. Holmes, que o seu nome não me mete medo — retorquiu friamente. — Quando um homem tem a consciência tranqüila, é muito difícil assustá-lo. Que veio fazer na minha casa?

— Saber que fim teve *lady* Frances Carfax, que o senhor trouxe de Baden na sua companhia.

— Ficaria muito grato se me informasse onde se encontra essa senhora — respondeu friamente. — Ela me deve quase cem libras e como garantia não me deixou senão um par de brincos que vendi por uma ninharia. Fez amizade com minha mulher e comigo em Baden, e de fato eu, nessa altura, usava outro nome, e esteve conosco até chegarmos a Londres. Paguei a conta do hotel e as passagens para ela. Assim que aqui chegamos, ela se separou de nós e desapareceu, deixando-nos apenas, como já disse, as tais jóias antigas. Se a encontrasse, sr. Holmes, me prestaria um grande serviço.

— Vou encontrá-la — respondeu Sherlock Holmes. — Vou dar uma busca nesta casa até descobri-la.

— Onde está o mandado?

Holmes mostrou-lhe o revólver que trazia no bolso.

— Este servirá, enquanto não vier outro melhor.

— Nesse caso, penso que o senhor está se portando como um vulgaríssimo gatuno.

— Pense lá o que quiser — disse Holmes com um sorriso de bom humor. — Meu companheiro aqui também é um patife da pior espécie e vai igualmente revistar a casa comigo.

Peters abriu a porta da sala.

— Chame a polícia, Annie! — disse ele.

Ouvimos o ruje-ruje de um vestido de seda e o ruído da porta da frente se abrindo e fechando.

— O tempo é pouco, Watson. Se tentar nos deter, Peters, não hesitarei em disparar. Onde está o caixão que trouxeram para cá?

— O caixão? Está ocupado, tem um defunto dentro.

— Preciso ver esse defunto.

— Não o consentirei.

— Então terei de vê-lo sem o seu consentimento.

Com um movimento rápido, Holmes empurrou-o para o lado e passou para o vestibulo. Diante de nós havia uma porta entreaberta. Entramos. Era a sala de jantar. Em cima da mesa, à luz difusa das velas de um candelabro, estava o caixão. Holmes acendeu o gás e levantou a tampa do caixão. No fundo deste jazia um vulto magro e pálido. A luz do gás iluminava a face murcha e enrugada. Nenhuma tortura, nem a fome, nem a mais grave doença poderiam ter transformado a fisionomia ainda bela de *lady* Frances naquele rosto enrugado e amarelecido, gasto pela velhice. Na cara de Holmes transpareceu a sua estupefação e também um alívio enorme.

— Graças a Deus! — murmurou ele. — É outra pessoa.

— Desta vez falhou, sr. Sherlock Holmes — disse ironicamente Peters, que nos acompanhara.

— Quem é esta mulher?

— Se de fato tem muito empenho em saber, é uma velha ama de minha mulher. Chamava-se Rose Spender. Soubemos que se encontrava internada no hospital do asilo de Brixton, fomos buscá-la e a trouxemos para cá. Chamamos um médico, o dr. Horsom, que mora na Fairbank Villas, nº 13, tome nota do endereço, sr. Holmes. O dr. Horsom tratou-a carinhosamente e nós lhe proporcionamos tudo o que ela necessitava. Ao fim de três dias, faleceu, e o médico atestou como *causa mortis* a decadência senil. E ele é que deve saber do assunto. Tratamos do funeral na Agência Stimsom & Cia., da Kensington Road. Será enterrada amanhã. Haverá qualquer coisa de extraordinário em tudo isto? Cometeu um engano vergonhoso, sr. Holmes, e seria melhor reconhecê-lo já. Daria metade da minha vida só para que um fotógrafo tirasse um instantâneo da sua expressão estupefata quando abriu o caixão e encontrou uma pobre velha de noventa anos em vez de *lady* Frances Carfax.

Holmes conservara a sua expressão impassível perante os sarcasmos do adversário, mas as mãos cerradas traíam-lhe o intenso mal-estar.

— Ainda vou revistar o resto da casa — avisou ele.

— Ah, vai? — gritou Peters, ao ouvir uma voz de mulher e passos pesados no vestibulo. — Isso é o que vamos ver. Por aqui, façam favor. Estes homens entraram à força na minha casa e não consigo me livrar deles. Ajudem-me a colocá-los na rua.

Um sargento e um guarda tinham aparecido e parado à porta. Holmes estendeu-lhes um cartão.

— Aqui está o meu nome e endereço. O meu companheiro é o dr. Watson.

— Perfeitamente, sr. Holmes, o conhecemos muito bem — respondeu o sargento —, mas, como sabe, sem um mandado o senhor não pode entrar nesta casa.

— De pleno acordo.

— Prenda-o! — gritou Peters.

— Se for necessário, sabemos onde poderemos encontrar este senhor — replicou o sargento com ar majestoso. — Tem de se retirar, sr. Holmes.

— Vamos, Watson. Temos de sair.

Um minuto depois estávamos na rua. Holmes mostrou-se impassível como de costume, mas eu estava vermelho de raiva e de humilhação.

O sargento nos seguiu.

— Sinto muito, sr. Holmes, mas é a lei.

— Exatamente, sargento; cumpriu o seu dever.

— Tenho a certeza de que o senhor estava lá por um motivo justo. Se lhe puder ser útil...

— Trata-se de uma senhora raptada, que supomos, esteja naquela casa.

— Nesse caso não perderei essa gente de vista, sr. Holmes. Se houver alguma novidade, levarei ao seu conhecimento.

Eram nove horas. Fomos, em primeiro lugar, ao asilo de Brixton. Lá soubemos que realmente um casal caridoso havia, dias antes, visitado e reclamado uma velha mulher como sendo antiga criada deles e tinham conseguido consentimento para levá-la para casa. Ninguém ficou surpreso com a notícia da sua morte.

Fomos, em seguida, à casa do médico. Este confirmou que foi chamado para atender uma doente e que esta era uma mulher prestes a morrer de pura senilidade. Poucos dias depois ela faleceu e ele assinou o atestado de óbito. “Asseguro-lhe que a morte foi perfeitamente natural”. Na casa nada observou de extraordinário, a não ser que achava estranho que gente daquela classe não tivesse criada. Foi tudo o que o médico soube nos dizer.

Seguimos, finalmente, para a Scotland Yard, onde houve certas dificuldades em obter o mandado. E era inevitável alguma demora, pois a assinatura do juiz só poderia ser obtida no dia seguinte, pela manhã. Assim

terminou o dia. Entretanto, por volta da meia-noite, o nosso amigo sargento nos procurou para nos avisar de que avistara luzes nas janelas da casa, mas que ninguém entrou nem saiu. Só nos restava ter muita paciência e esperar pelo dia seguinte.

A irritação que dominava Sherlock Holmes não o deixou conversar nem dormir. Deixei-o acordado, fumando furiosamente com as sobrancelhas grossas e negras contraídas nervosamente, com os dedos a tamborilar nos braços da poltrona, analisando mentalmente todas as soluções do mistério. Várias vezes durante a noite despertei ao ouvi-lo andar de um lado para outro na casa. Por fim, já de manhã, pouco depois de eu acordar, entrou tempestuosamente no meu do quarto. Estava de roupão, mas os olhos fundos e a palidez do seu rosto revelavam que passara a noite sem dormir.

— A que horas será o enterro? Às oito, não é verdade? — perguntou, ansiosamente. — Bem, são sete e vinte agora. Oh, céus, Watson, onde eu estava com a cabeça? Depressa, homem, depressa! É uma questão de vida ou de morte. Cem possibilidades de morte para uma de vida. Nunca me perdoaria se chegasse tarde demais!

Cinco minutos depois já estávamos na rua, levados a todo o galope por um coche. Faltavam vinte e cinco minutos para as oito quando passamos pelo Big-Ben, e ao soar das oito horas corríamos pela Brixton Road. Mas, felizmente, os nossos adversários estavam igualmente atrasados. Dez minutos depois da hora marcada para o enterro, o carro funerário ainda esperava na porta e só quando o nosso cavalo parou, arquejante, em frente à casa, foi que o caixão apareceu na porta. Holmes atirou-se ao encontro dos carregadores e impediu-lhes o caminho.

— Para trás! — bradou, pondo a mão no peito do rapaz que vinha na frente. — Volte com o caixão para trás imediatamente!

— Diabos o carreguem! Que veio fazer aqui novamente? Onde está o mandado? — bradou Peters, mostrando a face rubra de cólera por detrás da outra extremidade do caixão.

— O mandado está a caminho. Este caixão ficará retido até ele chegar.

O tom imperativo que Holmes impôs aos carregadores fez com que eles obedecessem às suas ordens. Peters desapareceu no interior da casa.

— Depressa, Watson, depressa! Pegue este formão! — bradou Holmes quando o caixão voltou a ser colocado sobre a mesa. — E aqui está outro para você, bom homem! Ganhará um soberano se a tampa do caixão estiver

despregada dentro de um minuto! Não faça perguntas, trabalhe! Força! Isso, outra vez! Mais outra! Empurrem todos juntos, agora! Já está cedendo! Já está cedendo! Até que enfim!

Com esforço conseguimos afinal levantar a tampa do caixão. Espalhou-se pela sala um odor intenso e penetrante de clorofórmio. Dentro jazia um corpo, com a cabeça envolta em algodão que fora embebido no narcótico. Holmes retirou-o e descobriu o rosto marmóreo e espiritual de uma mulher de meia idade. Passou rapidamente o braço em torno do corpo inanimado e ergueu-o.

— Está morta, Watson? Ou ainda poderemos ter alguma esperança? Não acredito que tenhamos chegado tarde demais!

Entretanto, durante meia hora parecia que realmente se dera esse infeliz desfecho. Sufocada pela falta de ar e intoxicada pelos venenosos vapores de clorofórmio, *lady* Frances parecia irremediavelmente perdida. Finalmente, com respiração artificial, injeções e todos os recursos que a ciência oferecia, apareceram leves sinais de vida. Um ligeiro tremor de pálpebras, o hálito embaçando um espelho colocado diante da boca demonstravam que a vida se restabelecia, lentamente. Um coche parou defronte da casa. Holmes correu um pouco a cortina.

— Lá está Lestrade com o mandado, apontou. Vai ficar um pouco desapontado quando vir que os pássaros fugiram. Também vem aí — acrescentou Holmes, ouvindo passos pesados no vestíbulo — alguém que mais do que nós tem direito de cuidar desta senhora. Bom dia, sr. Green; acho que, quanto mais depressa levarmos *lady* Frances daqui, melhor será. Entretanto, podem continuar o enterro. A pobre velha que ficou no caixão irá dormir sozinha o seu último sono.

Se lhe interessar acrescentar este caso aos seus anais, meu caro Watson — disse-me Holmes na tarde desse dia —, faça-o como exemplo daquele eclipse temporário a que estão sujeitos até mesmo os cérebros mais equilibrados. Tais deslizes são comuns a todos os mortais, e poucos são capazes de reconhecê-los e repará-los. Acredito ter tido esse mérito. Passei a noite obcecado e perseguido pela idéia de que me esquecera de algum pormenor, de alguma observação curiosa, enfim, de alguma minúcia importante que era fundamental. Foi então que, subitamente, já aos primeiros alvares da manhã, me recordei desse detalhe essencial. Foi a desculpa apresentada pela mulher que trabalhava na empresa funerária e que me foi relatada por Philip Green: “Já deveria estar lá, mas levou mais tempo, porque o tamanho é pouco comum.” Referia-se ao caixão. Este era

de tamanho pouco comum. Portanto devia ser para uma pessoa de avantajada estatura. Imediatamente me lembrei dele, tal como o vi na casa de Peters: o caixão enorme e, lá no fundo, o corpo franzino de uma pobre velhinha. Por que um caixão tão grande para um corpo tão pequeno? Para que coubesse outro corpo. Ambos seriam enterrados com um único atestado de óbito. Era um raciocínio tão fácil, tão claro, que só um eclipse mental momentâneo não me deixou perceber. Às oito horas *lady* Frances seria enterrada. Precisávamos deter o caixão antes que ele saísse daquela casa.

Era a nossa única e última chance. Só por sorte poderíamos encontrá-la viva; mas era uma possibilidade, como se viu depois. Eles nunca tinham cometido um crime, que eu soubesse. É natural que não usassem a violência. Queriam enterrá-la sem deixar o menor sinal da causa da sua morte e, mesmo que ela fosse exumada, ainda teriam chances de escapar da ação da justiça. A minha esperança foi que eles pensassem nestas coisas. É fácil reconstruir toda a cena. A pobre senhora estava prisioneira no andar superior da casa. Eles pegaram *lady* Carfax, sedaram-na com clorofórmio, puseram-na no caixão e, para que ela não despertasse, embeberam de clorofórmio aqueles algodões. Depois pregaram a tampa. Foi realmente um trabalho bem-feito, Watson. E novo para mim, nos anais do crime. Se os tais ex-missionários escaparem das garras de Lestrade, creio que farão uma brilhante carreira.

O INTÉRPRETE GREGO

Durante a minha longa e íntima convivência com Sherlock Holmes, jamais me tinha sido dada uma oportunidade de ouvi-lo falar sobre quaisquer das suas relações e, muito raramente, uma ou outra notícia do seu passado.

Isto que me parecia constituir uma falha na nossa intimidade veio aumentar ainda mais a influência que ele exercia sobre mim, influência essa que se assemelhava a qualquer efeito sobrenatural, a ponto de chegar eu próprio, e por várias vezes, a ver nele um autêntico fenômeno: um cérebro sem coração, tão escasso em simpatia humana quanto era notável em inteligência. A sua aversão a mulheres e a relutância que tinha em contrair novas amizades eram provas evidentes do seu temperamento frio, bem como a reserva que mantinha em se referir à sua família. Assim, cheguei mesmo a acreditar que fosse órfão, sem qualquer parente vivo; mas um dia, para minha enorme surpresa, começou a me falar de um irmão.

Isto aconteceu depois do chá, numa tarde de verão, e a conversa que se tinha desenrolado de um modo espasmódico e irregular, das novidades dos clubes de golfe às causas da variação do plano da eclíptica, encaminhou-se por fim para questões de atavismo e aptidões hereditárias. O ponto culminante da discussão residia em saber em que medida é que a qualidade do indivíduo pode ser atribuída aos seus ancestrais ou em que grau é devida a um treino pessoal.

— No seu caso — considere —, parece evidente que as suas faculdades de observação e a sua particular facilidade de raciocínio são devidas ao exercício sistemático que faz delas.

— Sim, até certo ponto, é — respondeu, pensativamente. — Os meus antepassados não passavam de proprietários rurais. Mas, em grande parte, a minha vocação está nas veias e deve ter vindo do lado da minha avó, que era irmã do pintor francês Vernet. A arte quando está no sangue pode tomar as formas mais bizarras.

— Mas como sabe que isso é hereditário?

— Porque o meu irmão Mycroft possui esta qualidade, em grau mais elevado do que o meu.

Isto constituía para mim uma novidade. Se havia, pois, na Inglaterra homem com tão singulares capacidades, como nem a polícia, nem o público tinham conhecimento disso? Expus o problema ao meu companheiro, insinuando que deveria ter sido certamente por modéstia que permitira considerar o irmão superior a si mesmo. Diante desta sugestão, Holmes soltou uma gargalhada.

— Meu caro Watson, não me é possível concordar com as pessoas que acham que a modéstia é uma virtude. Para um espírito lógico, todas as coisas devem ser vistas tal como são, e subestimar a personalidade de qualquer pessoa constitui tanto um ultraje à verdade, como um exagero das qualidades de quem o faz. Quando lhe afirmo que Mycroft tem maior poder de observação do que eu, pode ter certeza de que estou falando a verdade.

— Esse seu irmão é mais novo do que você?

— Não, mais velho do que eu sete anos.

— Como se explica que não seja conhecido?

— Ora, ele é muito conhecido nos círculos das suas relações.

— Onde, por exemplo?

— Bem, no Diógenes Club...

Eu nunca tinha ouvido falar de tal instituição e devo ter denunciado a minha surpresa com um gesto qualquer, pois vi Sherlock Holmes puxar nesse momento o relógio de bolso.

— O Diógenes Club é a agremiação mais original de Londres, e Mycroft um dos indivíduos mais originais. Está sempre lá, das quinze para as cinco às vinte para as oito. Ora, são seis horas e, se quiser dar um passeio nesta tarde admirável, terei imenso prazer em lhe apresentar estas duas originalidades.

Cinco minutos depois estávamos na rua, a caminho de Regent's Circus.

— É possível que ache estranho — disse o meu amigo — que Mycroft não utilize as suas qualidades em trabalhos de investigação policial. Mas isso lhe é impossível.

— Mas parece-me que disse...

— Disse que ele era superior a mim em observação e dedução. Se na realidade a arte de um detetive pudesse começar e acabar refletindo refasteladamente numa poltrona, meu irmão seria o inspetor mais notável do nosso tempo. Mas falta-lhe ambição e energia. Nem mesmo é pessoa para abandonar os seus pontos de vista, a fim de poder verificar as próprias soluções, e preferiria considerá-las erradas a ter necessidade de se meter em confusão para poder provar que estão exatas. Cada vez mais lhe venho apresentando problemas para receber uma solução que depois se prova ser a mais correta. Além disso, seria completamente incapaz de executar, por si só, aquelas tarefas de ordem prática que têm de ser realizadas, antes de um caso ser apresentado em tribunal.

— Bem, não é a profissão dele, não é assim?

— De maneira alguma. O que para mim constitui o meu modo de vida é para ele um mero exercício de amador. Tem uma extraordinária aptidão para a matemática e é perito de contabilidade em algumas repartições do governo. Mycroft vive em Pall Mall, sai de casa todas as manhãs, dá uma volta por White Hall e volta à tarde para casa. Há anos e anos que ele não leva outra vida e não é muito fácil encontrá-lo, a não ser no Diógenes Club, que fica mesmo em frente à sua casa.

— Nunca ouvi falar desse clube.

— É natural. Há muitas pessoas em Londres que, como sabe, uns por timidez e outros por misantropia, não sentem a necessidade da companhia

de amigos. Mas nem por isso são contrários a um bom assento e a um jornal recheado de notícias frescas. Foi para gente desse tipo que se fundou o Diógenes Club, que hoje reúne os indivíduos mais insociáveis e mais reservados da capital. Não é permitido a qualquer membro dar qualquer informação sobre outro associado. Exceto na sala reservada aos visitantes, não é permitido conversar, seja em que condições for, e qualquer sócio que incorra em três infrações a esta regra será imediatamente expulso pela direção. Meu irmão foi um dos sócios-fundadores, e eu próprio encontro ali um ambiente de agradável repouso.

Conversando, chegamos a Pall Mall e já íamos descendo para os lados de St. James quando Sherlock Holmes parou numa porta perto do Carlton. Avisou-me para que não falasse, e entramos no átrio. Espiei por uma vidraça emoldurada e vi um enorme e luxuoso salão onde havia um número considerável de cavalheiros sentados, cada qual lendo o seu jornal. Holmes levou-me a um pequeno gabinete que dava para Pall Mall e depois, deixando-me por um minuto, voltou acompanhado de um indivíduo que vi imediatamente que era seu irmão.

Mycroft Holmes era muito mais forte e encorpado do que Sherlock, tinha um físico realmente robusto, mas o rosto, embora cheio, mostrava um pouco do aspecto duro do irmão. Os olhos acinzentados tinham um brilho peculiar e pareciam ter o mesmo aspecto longínquo e introspectivo que só se encontrava em Sherlock quando ele estava em concentrada atividade mental.

— Muita honra em conhecê-lo, senhor doutor — disse, estendendo-me uma mão comprida e maciça como a lâmina de uma faca. — Ouço falar em toda a parte de Sherlock, desde que o senhor é seu cronista. A propósito, Sherlock, esperei por você toda a semana para me consultar sobre o tal caso da casa feudal. Parece que andou um pouco afastado do verdadeiro ponto do problema.

— Não, já o resolvi — disse o meu amigo, sorrindo.

— Está claro que foi Adams.

— Sim, foi Adams.

— Tinha certeza disso, desde o princípio — sentaram-se à janela da varanda do clube. — Para quem quiser observar o material humano, não há nada como este lugar — disse Mycroft.

— Olhe para estes espécimes admiráveis! Aqueles dois sujeitos, por exemplo, aqueles que vêm na nossa direção.

— O marcador de bilhar e o outro?

— Exatamente. O que lhe parece o outro?

Os dois homens estavam parados diante da janela. Num deles, os únicos sinais de bilhar que se podiam distinguir eram as pequenas manchas de giz que tinha nos bolsos do colete. O outro era moreno, muito atarracado, de chapéu atirado para a nuca e uma quantidade de embrulhos debaixo do braço.

— Um velho militar, acho eu — considerou Sherlock.

— E reformado há muito pouco tempo — arrematou o irmão.

— Pelo visto deve ter prestado serviço na Índia.

— Graduado.

— E imagino que de Artilharia Real — acrescentou Sherlock.

— Viúvo.

— Viúvo, mas com um filho.

— Filhos, meu caro, filhos.

— Basta — disse eu com uma gargalhada —, isto já é demais.

— Não é — respondeu Holmes. — Não é difícil descobrir que um homem, com aquela expressão autoritária e a pele tão curtida pelo sol, é militar mais graduado que um soldado raso e que deve ter voltado, há pouco tempo, da Índia.

— Sabemos que não abandonou o serviço há muito tempo porque ainda usa as botas de campanha — observou Mycroft.

— Não tem as pernas em arco dos homens de cavalaria e, além disso, usava o boné de lado, como se vê pela pele mais clara deste lado da testa. Também não pode ser sapador por causa do peso. Logo, é de Artilharia.

— Depois, aquele luto carregado indica que perdeu alguém muito querido. Pelo fato de ser ele quem vai às compras, conclui-se que foi a mulher. Esteve comprando brinquedos para crianças, reparou? Ele leva uma roca, o que prova que um dos garotos é muito novo. A mãe talvez tenha morrido no parto. Como leva um livro ilustrado debaixo do braço, vê-se que ainda deve ter outra criança.

Agora eu começava a compreender o que Holmes queria dizer quando afirmava que o irmão era dotado de faculdades mais apuradas do que ele. Vi-o lançar-me um olhar significativo e sorrir. Mycroft tirou uma pitada de rapé da caixa de tartaruga e sacudiu os grãos que lhe tinham caído no casaco, com um grande lenço de seda vermelha.

— A propósito, Sherlock — acrescentou —, apareceu-me um caso exatamente do jeito que você gosta: um singularíssimo problema. Na verdade, não me sinto com disposição para resolvê-lo, a não ser de uma maneira incompleta. Se lhe interessa ouvir do que se trata...

— Meu caro Mycroft, tenho imenso prazer nisso.

O irmão rabiscou uma folha da sua agenda e, tocando a campainha, entregou o papel ao criado.

— Pedi ao sr. Melas que passasse por aqui — esclareceu. — É um sujeito que mora no andar superior ao meu e com quem mantenho ligeiras relações, e por isso veio, há tempos, falar comigo no meio de uma aflição. O sr. Melas é grego de nascimento e um notável poliglota. Ganha a vida como tradutor dos tribunais e como intérprete desses multimilionários do oriente que freqüentam os hotéis da Northumberland Avenue. Parece-me que o melhor é deixá-lo contar a notável experiência por que passou neste ramo da sua atividade.

Cinco minutos depois, estava junto de nós um indivíduo baixo e robusto, cuja pele azeitonada atestava a origem meridional, não obstante a pronúncia de um correto e culto inglês. Apertou firme a mão de Sherlock Holmes, e os olhos escuros brilharam de satisfação ao saber que o conhecido perito estava interessado na sua história.

— Duvido muito de que a polícia acredite em mim; a meu ver, receio que não — declarou em tom lamentoso. — Como nunca tiveram conhecimento de uma coisa assim, acham que isto não pode ser verdadeiro. Mas posso garantir que nunca mais terei um momento de descanso enquanto me lembrar daquele infeliz com o rosto coberto de adesivos.

— Sou todo ouvidos — animou Sherlock.

— Hoje é quarta — continuou o sr. Melas —, portanto, foi na segunda-feira à noite, há dois dias, que isto aconteceu. Sou um intérprete, como é provável que o meu vizinho tenha dito. Falo todas as línguas, ou quase todas, mas, como sou grego de nascimento e tenho um nome grego, é especialmente nesta língua que trabalho. Há já muitos anos que sou considerado o melhor intérprete de grego de Londres, e o meu nome é bastante conhecido por todos os hotéis. E não é raro acontecer me ver, tarde da noite, forçado a acudir estrangeiros que se encontram em apuros ou atender viajantes retardatários que reclamam os meus serviços. Por isso, não foi surpresa para mim ver entrar, nessa segunda-feira, à noite, pela porta do quarto, um tal sr. Lartimer, um cavalheiro elegantemente vestido,

me pedindo que seguisse com ele na carruagem que tinha na rua à nossa espera. Segundo dizia, tinha sido visitado por um amigo grego para tratarem de negócios, e como este não falava senão a sua língua, era indispensável a presença de um intérprete. Deu-me a entender que a sua casa ficava um pouco afastada, em Kensington, e parecia ter muita urgência no caso, de tal modo que, assim que chegamos à rua, quase me empurrou para dentro do coche.

Eu disse para dentro do coche, mas pouco tempo depois já tinha as minhas dúvidas se era de fato um coche aquilo em que eu seguia. Não havia dúvida nenhuma de que era muito mais espaçoso do que esses coches comuns que andam por essas ruas, apenas para vergonha de Londres, e os estofados, embora surrados, eram de primeira qualidade. O sr. Lartimer sentou-se de frente para mim e partimos pela Charing Cross, Shaftesbury Avenue acima. Tínhamos chegado à Oxford Street e ia eu me aventurar a dizer que seguíamos em sentido oposto a Kensington, quando me vi incapaz de pronunciar uma só palavra perante o modo estranho como o meu companheiro começou a proceder. Tirou do bolso um porrete enorme, carregado de chumbo, e começou a sacudi-lo para trás e para a frente, como se estivesse calculando o peso e a resistência. Depois colocou-o a seu lado no assento sem dizer nenhuma palavra. Feito isto, fechou as vidraças e notei, surpreendido, que estavam forradas de papel para evitar que se pudesse ver através delas.

— Lamento impedir sua vista, sr. Melas — disse. — Mas a verdade é que não me convém, de modo algum, que conheça os lugares por onde formos passando. Era muito provável que isso me viesse a trazer inconveniências se o senhor descobrisse o caminho para cá.

— Como podem calcular, fiquei completamente atônito. O meu companheiro era um moço de ombros quadrados e parecia-me muito pouco provável poder tirar vantagem numa luta com ele.

— Mas isto é muito estranho, sr. Lartimer — gaguejei eu. — Aconselho-o a tomar cuidado, porque o que o senhor está fazendo é absolutamente ilegal.

— Sem dúvida que há nisto um pouco de abuso — reconheceu —, mas o compensaremos disso. Devo, no entanto, preveni-lo, meu caro sr. Melas, de que se esta noite tentar dar qualquer alarme ou prejudicar os meus interesses, seja no que for, a sua situação será muito grave. Ninguém sabe onde o senhor se encontra e que, quer esteja na minha carruagem, quer em minha casa, está acima de tudo sob as minhas ordens.

— As suas palavras eram calmas mas tinham um timbre áspero que as tornava incrivelmente ameaçadoras. Sentei-me, em silêncio, dando asas à imaginação para descobrir que motivos poderiam justificar um rapto em tão extraordinárias circunstâncias. Acontecesse o que acontecesse, era mais do que evidente que nada havia a esperar de uma resistência e que só me restava aguardar os acontecimentos.

Andamos perto de duas horas sem que eu tivesse o menor indício dos lugares por onde passávamos. Algumas vezes, o ressoar das pedras dava-me a idéia de que seguíamos por uma calçada; outras, o rodar leve e silencioso lembrava-me um caminho de asfalto; mas, deixando de lado estas variações de som, não havia absolutamente nada que me pudesse auxiliar a estabelecer a mais longínqua hipótese sobre o local em que nos encontrávamos. O papel colado nas vidraças era impenetrável à luz e havia uma cortina azul tapando a janela da frente.

Eram quinze para as sete quando deixamos Pall Mall; e quando paramos eram dez para as nove, no meu relógio. O meu companheiro de viagem abriu a portinhola e pude ver de relance uma arcada baixa com uma lanterna acesa por cima da porta de entrada. Como fui tirado depressa da carruagem, a porta ficou aberta balançando. Entrei na casa com uma vaga impressão de ter entrado nela por entre árvores e relvados. Se se tratava de jardins particulares ou de verdadeiros campos, é coisa que ia muito além das minhas possibilidades de raciocínio naquele momento.

Dentro, havia um bico de gás, tão fraco que mal consegui distinguir as dimensões do vestíbulo e os quadros que estavam pendurados nas paredes. Na luz fraca, pude notar que a pessoa que tinha aberto a porta era um homem baixo, de ar humilde e ombros caídos. Quando se virou para nós, vi, pelo reflexo da luz, que usava óculos.

— É o sr. Melas, Harold? — sondou.

— Sou.

— Bem! Nada de barulho, sr. Melas. Mas não podemos fazer nada sem o senhor. Se tratar francamente conosco, verá que não se arrependerá, mas se tentar qualquer subterfúgio, rogue a Deus pela sua vida!

— Falava de uma maneira nervosa, às arrancadas, entremeada de risinhos falsos, e, de qualquer modo, infundia-me mais terror do que o outro. — Que querem de mim? — perguntei.

— Apenas que faça algumas perguntas a um cavalheiro grego que nos visitou e nos dizer as respostas. Mas não diga mais do que lhe for mandado,

senão...— aqui voltou de novo o tal risinho falso — O senhor vai desejar não ter vindo a este mundo, meu caro sr. Melas.

Enquanto falava, abriu uma porta e nos indicava agora o caminho para um quarto que parecia ricamente mobiliado e onde, mais uma vez, a iluminação era feita por um bico de gás, a meia-luz. O aposento devia ser espaçoso e o modo como senti os pés deslizarem nos tapetes deu-me a impressão de coisa luxuosa. Vi, de relance, cadeiras de veludo, uma lareira de mármore branco, ao lado de qualquer coisa que me pareceu ser uma armadura japonesa. Bem embaixo do bico de gás havia uma cadeira, e o homem mais velho acenou para que me sentasse nela. O mais novo saiu de perto de nós mas apareceu subitamente por outra porta com um cavalheiro vestido numa espécie de roupão, que se arrastou lentamente até nós. À medida que entrava no círculo da luz embaçada, que me impedia de vê-lo claramente, ia-me enchendo de horror com a sua aparência. Tinha uma palidez de morto, terrivelmente definhado, com aqueles olhos salientes e luminosos dos homens cujo espírito é maior do que a força física. Mas o que me impressionou mais do que os sinais da sua fraqueza foi o rosto grotescamente garatujado de adesivos e aquela enorme tira que lhe tapava a boca.

— Você trouxe a lousa, Harold? — perguntou o homem, assim que aquele estranho personagem se sentou, ou melhor, assim que tombou na cadeira. — Desamarrou as mãos dele? Agora, bem, dê-lhe o lápis de pedra. O sr. Melas faz as perguntas e ele escreve aqui as respostas. Pergunte-lhe, em primeiro lugar, se ele está pronto a assinar os documentos.

— Os olhos do homem encheram-se de raiva.

— Nunca — escreveu, em grego, na lousa.

— Em quaisquer condições? — perguntei, por ordem do nosso tirano.

— Só se um padre grego que eu conheço a casar na minha presença.

O homem gargalhou no seu jeito venenoso.

— Sabe o que o espera, não?

— Não me importo comigo.

Isto são exemplos das perguntas e respostas que constituíram a nossa estranha conversação, meio falada, meio escrita. Repetidas vezes fui forçado a perguntar se queria obedecer e assinar os documentos. O mesmo número de vezes recebi a mesma resposta indignada. Mas em breve me veio uma idéia feliz. Comecei a juntar a cada pergunta pequenas frases, a princípio muito curtas, para experimentar se algum dos meus companheiros percebia

qualquer coisa do assunto, e depois, vendo que não compreendiam, lancei-me num jogo mais arriscado. A nossa conversação decorreu mais ou menos assim:

— Não pode lucrar nada com a teimosia. Quem é o senhor?

— Não me importo. Um estrangeiro em Londres.

— A sua sorte está nas suas próprias mãos. Há quanto tempo está aqui?

— Deixe estar. Três semanas.

— A propriedade nunca será sua. O que estão lhe fazendo?

— Nunca irá parar nas mãos de canalhas. Querem me matar de fome.

— Se assinar fica livre. Que casa é esta?

— Nunca. Não sei.

— Assim só a prejudica, a ela. Como se chama?

— Deixem-me ouvir isso da boca dela. Kratides.

— Poderá vê-la, se assinar. De onde é?

— Então nunca a verei. De Atenas.

— Cinco minutos mais, sr. Holmes, e teria arrancado toda a sua história, mesmo ali, nas barbas dos cavalheiros. A pergunta que ia fazer a seguir poderia esclarecer completamente o assunto, mas eis que a porta se abriu nesse momento e notei a presença de uma mulher. Não me foi possível vê-la com nitidez e por isso notei simplesmente que era alta e bela, de cabeleira negra, vestida numa espécie de túnica branca muito solta.

— Harold — disse ela em inglês, com um sotaque acentuado. — Não me deixes ali mais tempo. Não posso, é tudo tão só... Oh, meu Deus, é Paul!

Proferiu estas últimas palavras em grego, ao mesmo tempo em que o homem arrancava o adesivo dos lábios, num esforço desesperado, e caía nos braços da senhora, aos gritos de “Sofia! Sofia!”. Este abraço durou apenas um momento porque o mais novo dos homens se apressou em afastá-los, levando-a para fora da sala, enquanto o outro agarrava a sua pobre vítima e a arrastava pela outra porta.

Deixaram-me só na sala e pus-me rapidamente de pé com a vaga idéia de que talvez pudesse descobrir por ali qualquer indício que me permitisse saber onde me encontrava. Felizmente, porém, que não cheguei a dar sequer um passo, pois mal ergui os olhos deparei com o tal homem mais velho à porta, me olhando fixamente.

— Ficaremos por aqui, sr. Melas — indicou. — Sabe agora que o trouxemos aqui para lhe confiarmos um assunto estritamente particular. Não o teríamos incomodado se um amigo nosso, que também fala o grego e que iniciou estas negociações, não tivesse de voltar para o oriente. Foi-nos absolutamente necessário arranjar quem preenchesse este lugar, e tivemos por isso a súbita honra de recorrer aos seus préstimos.

Fiz um aceno.

— Aqui tem cinco libras esterlinas pelo seu trabalho — disse, avançando para mim —, espero seja remuneração suficiente. Mas lembre-se bem — acrescentou com um dos seus sorrisos falsos, dando-me uma ligeira palmada no peito —, se falar disto a qualquer alma de Deus, guarde bem, então faço votos para que Deus tenha misericórdia da sua alma!

Não posso explicar a repugnância e o horror que me inspirava aquele indivíduo de aspecto tão insignificante. Via-o então melhor porque o bico de gás estava bem em cima de mim. Tinha as feições macilentas, ar doente, e usava uma pequena barbicha, escorrida e rala. Quando falava estendia a cara para a frente, e os lábios e as pálpebras estremeciam continuamente, como se estivesse atacado da doença de S. Vito. Ainda hoje creio que aquele estranho riso matreiro era sintoma de qualquer doença nervosa. Contudo, o horror que havia naquele rosto estava nos olhos cor de aço que brilhavam friamente, penetrantes, de uma crueldade inabalável.

— Saberemos se o senhor falará ou não lá fora do que se passou aqui — disse. — Temos o nosso serviço de informação. Agora a carruagem está à sua espera e o meu amigo irá acompanhá-lo.

Corri pelo vestíbulo e entrei no coche, tendo de novo a mesma impressão de ter seguido por entre árvores e jardins. O sr. Lartimer veio atrás de mim como uma sombra e sentou-se à minha frente sem abrir a boca. Andamos uma distância enorme em silêncio, de janelas fechadas, até que por volta da meia-noite finalmente paramos.

— Tem que descer aqui, sr. Melas — determinou o meu companheiro. — Lamento profundamente ter de abandoná-lo tão longe da sua casa, mas não há outro remédio. Qualquer tentativa que fizer para seguir a carruagem acabará fatalmente, e lhe será prejudicial.

Então, abri a portinhola e, assim que o cocheiro chicoteou o cavalo, a carruagem arrancou tão bruscamente que mal tive tempo de descer. Olhei espantado à minha volta. Estava no meio de um descampado com manchas

escuras de moitas aqui e ali. Lá longe, estendia-se uma linha de casas com luzes a estremecer nas janelas. Do lado oposto notavam-se as lâmpadas vermelhas que servem de sinais para a linha de trem.

O coche em que viera estava fora do alcance da vista. Eu andava por ali sem rumo, dando asas à imaginação para descobrir que diabo de lugar seria aquele, quando senti que alguém se aproximava de mim na escuridão. Pude verificar, quando se encontrava mais perto de mim, que se tratava de um guarda-linha da plataforma.

— Pode dizer-me que lugar é este?

— Wandsworth Common — informou.

— É possível pegar aqui um trem para a cidade?

— Se andar por ali uma milha, até Clapham Junction — respondeu-me. —, vai chegar a tempo de tomar o último trem para a estação de Victoria.

E assim acabou a minha aventura, sr. Holmes. Não consegui saber onde estive, com quem falei, nada mais do que acabo de lhe contar. Mas tenho a certeza de que ali há infâmia e gostaria muito de poder ser útil àquela infeliz criatura. Logo na manhã seguinte, fui contar toda esta história ao sr. Mycroft Holmes e depois à polícia.

Ficamos em silêncio durante algum tempo depois de termos ouvido tão extraordinária narrativa. A certa altura, Sherlock dirigiu-se ao irmão.

— Fez alguma investigação? — perguntou-lhe.

Mycroft tirou o *Daily News* de cima da mesa. Leu: “Gratificação. Oferece-se a pessoa que informe sobre cavalheiro grego, de Atenas, que não sabe inglês, nome Paul Kratides. Gratifica-se igualmente quem informar o paradeiro da senhora grega, primeiro nome Sofia. Resposta ao nº X 2473”. Este anúncio foi publicado em todos os jornais. Não se obteve nenhuma resposta.

— E no consulado da Grécia?

— Já fui lá. Não têm conhecimento de nada.

— Talvez não fosse má idéia enviarmos um telegrama ao comando da polícia de Atenas, não acha?

— Sherlock herdou toda a energia da nossa família — disse Mycroft, virando-se para mim. — Pois bem, tome você conta do caso, resolva-o como quiser e vá me dando notícias do que for conseguindo.

— Certamente — respondeu o meu amigo, levantando-se da cadeira —, é claro que darei notícias. A você e ao sr. Melas. Entretanto, meu caro

senhor, no seu caso tomaria algumas precauções porque, com toda a certeza, os nossos homens já devem saber por este anúncio que o senhor os denunciou.

Quando íamos para casa, Holmes passou por uma agência telegráfica e expediu vários telegramas.

— Como vê, Watson, não desperdiçamos a tarde. Alguns dos casos mais curiosos que tenho tido vieram parar nas minhas mãos por intermédio de Mycroft. O problema que acabamos de ouvir, se bem que não passe de uma descrição simples, tem aspectos bastante curiosos.

— Tem então esperança de resolvê-lo?

— Bom, sabendo o que sabemos, seria na verdade muito estranho se não conseguíssemos descobrir o resto. Com certeza até você já tem algumas deduções sobre os acontecimentos que acabou de ouvir.

— Sim, mas de um modo muito pouco concreto.

— Qual é nesse caso a sua explicação?

— Parece-me evidente que a moça grega foi trazida pelo tal jovem inglês chamado Harold Lartimer.

— Trazida de onde?

— Talvez de Atenas.

Sherlock Holmes sacudiu a cabeça.

— Esse rapaz não sabe uma palavra em grego. A moça fala inglês fluentemente. Conclusão: deve estar na Inglaterra há algum tempo, enquanto o outro nunca foi à Grécia.

— Bem, nesse caso pode-se presumir que ela veio fazer uma viagem à Inglaterra e que o tal Harold a convenceu a fugir com ele.

— Isso já é mais provável.

— E depois o irmão, acho que deve ser este o parentesco entre eles, veio propositadamente da Grécia para se opor a tal atitude. Imprudentemente veio cair nas mãos do rapaz e do seu comparsa mais velho. Estes o seqüestraram e procuraram obrigá-lo pela violência a assinar alguns documentos, para que os bens da jovem — de quem deve ser ele o procurador — lhes fossem legados. Mas ele se recusa a assinar. Os outros, necessitando de um intérprete para poder negociar um acordo com ele, recorreram ao sr. Melas, tendo, anteriormente, utilizado outro indivíduo para o mesmo fim. A moça não tinha tido conhecimento da vinda do irmão e acha tudo aquilo muito estranho.

— Excelente, Watson! — exclamou Holmes. — Acho que você não deve andar muito longe da verdade. Como vê, temos todos os trunfos na mão e agora só podemos temer qualquer violência da parte deles. Se nos derem tempo, nós os pegaremos, sem muita demora.

— Mas como vamos descobrir a casa?

— Bom, se as nossas deduções não estiverem erradas e se o nome da moça é ou foi Sofia Kratides, não devemos ter grande dificuldade em descobrir uma pista. Neste ponto é que devemos concentrar todas as esperanças, uma vez que o irmão é completamente estranho nesta terra. É claro que deve ter decorrido algum tempo desde que Harold conheceu a moça, algumas semanas, pelo menos, e que isso chegou ao conhecimento do irmão e a vinda dele para cá. Se viveram durante este tempo todo em qualquer lugar, é provável que apareça alguma resposta ao anúncio de Mycroft.

Assim conversando, chegamos em casa, na Baker Street. Holmes subiu as escadas na frente e mal abriu a porta do quarto não pôde conter uma exclamação de espanto. Também eu não fiquei menos admirado quando espiei por cima do ombro: Mycroft já estava sentado lá, fumando, numa cadeira de braços.

— Vem cá, Sherlock! Venha também, meu caro doutor — disse suavemente, sorrindo para as nossas caras embaçadas. — Não esperava que eu fosse tão ativo, não é, Sherlock? Mas, não sei por que, este caso está me interessando.

— Como veio parar aqui?

— Passei por vocês de coche.

— Alguma novidade?

— Tive uma resposta ao anúncio.

— Ah!

— Sim, chegou momentos depois de terem saído.

— E que diz ele?

Mycroft Holmes puxou uma folha de papel.

— Aqui está ela — apontou —, escrita com uma pena J em papel *royal cream* por um homem de meia-idade e de fraca constituição física.

E leu:

Senhor,

Em resposta ao seu anúncio de hoje tomo a liberdade de informá-lo de que conheço muito bem a senhora em questão. Se quiser dar-se ao incômodo de me visitar, posso esclarecê-lo sobre alguns pormenores importantes, assim como de toda a tragédia da mesma senhora, que vive atualmente em The Myrtles, Beckenham.

Atenciosamente, J. Davenport.

— Escreve de Lower Brixton — observou Mycroft Holmes. — Não seria melhor seguirmos agora para lá, Sherlock, e tirarmos informações?

— Meu caro Mycroft, a vida do irmão vale mais do que a história da irmã. Acho que devíamos ir até o inspetor Gregson, da Scotland Yard, e partirmos imediatamente para Beckenham. Sabemos que há um homem em perigo de vida e qualquer demora pode ser fatal.

— Talvez seja melhor, no caminho, passarmos pela casa do sr. Melas — sugeri. — Podemos necessitar de um intérprete.

— Excelente — apoiou Sherlock Holmes. — Mande um criado buscar uma carruagem e vamos embora imediatamente.

Enquanto falava, reparei que enfiou no bolso um revólver, que tirou de uma gaveta.

— Sim — concordou, em resposta ao meu olhar. — Devo dizer que, tanto quanto sei, estamos nos metendo com uma malta excepcionalmente perigosa.

Era quase noite fechada quando chegamos a Pall Mall, aos aposentos do sr. Melas. Acabou de ser chamado por um cavalheiro e tinha saído.

— Pode dizer para onde ele foi? — perguntou Mycroft Holmes.

— Não sei — respondeu a mulher que nos atendeu à porta. — Só sei que tomou uma carruagem com um cavalheiro.

— Esse cavalheiro deixou o nome?

— Não, senhor.

— Era um sujeito ainda novo, alto, elegante e moreno?

— Oh! não, senhor. Era baixinho, de rosto magro e usava óculos, mas tinha maneiras muito agradáveis. Estava sempre rindo e falando.

— Vamos! — gritou Sherlock Holmes bruscamente. — A coisa está se tornando séria — observou, quando estávamos a caminho da Scotland Yard. — Os homens tornaram a levar Melas. Ficou sem coragem desde aquela noite. Basta a presença desse malandro para o aterrorizar imediatamente. Não há dúvida alguma de que o chamaram para lhe servir de intérprete, mas, assim que forem servidos, são bem capazes de castigá-lo pela traição.

Tínhamos de pôr todas as nossas esperanças em conseguir chegar a Beckenham ao mesmo tempo que aquela carruagem.

No entanto, quando chegamos à Scotland Yard, tivemos que esperar mais de uma hora para conseguirmos falar com o inspetor Gregson e preencher todas as formalidades da lei para que nos dessem o direito de invadir a casa.

Chegamos à ponte de Londres às quinze para as dez. Meia hora depois descemos na estação de Beckenham. Depois de um percurso de oitocentos metros, entramos em The Myrtles, uma casa enorme e escura no fundo de uma propriedade junto à estrada. Abandonamos ali a carruagem e fizemos o caminho a pé.

— Não há luzes acesas — fez notar o inspetor. — A casa parece deserta.

— Os nossos pássaros bateram asas e deixaram o ninho vazio — disse Holmes.

— Por que diz isso?

— Porque há menos de uma hora passou por aqui uma carruagem carregada de bagagem.

O inspetor soltou uma gargalhada.

— Estou vendo as marcas das rodas ali, perto da luz da lanterna do portão; mas onde descobriu isso da bagagem?

— Já deve ter reparado nas marcas que vêm de outros lados, mas observe que os trilhos que se dirigem para a estrada são muito mais fundos. Portanto, podemos ter a certeza de que transportava um peso considerável.

— Marcou um ponto — reconheceu o inspetor, encolhendo os ombros. — Não deve ser uma porta fácil de arrombar, mas se ninguém nos vier atender, não teremos outro remédio.

Começou a bater desesperadamente na porta e a tocar a campainha, mas sem êxito. Holmes tinha desaparecido, mas dentro de minutos estava de volta.

— Consegui abrir uma janela.

— É uma felicidade o meu amigo, desta vez, estar do lado da força e não contra, sr. Holmes — observou o inspetor, notando a maneira rápida como Sherlock arrombou o fecho. — Parece-me que nestas circunstâncias devemos entrar sem pedir.

Um após o outro, entramos numa sala espaçosa que devia ser a mesma em que tinha estado o sr. Melas.

O inspetor acendeu a lanterna e pudemos ver as duas portas, o reposteiro, a armadura japonesa, tal como nos tinham sido descritas. Numa mesa havia dois copos, uma garrafa de *brandy* vazia e restos de comida.

— Que é isto? — perguntou Holmes, subitamente.

Calamo-nos e apuramos os ouvidos. De algum lugar, por cima de nós, vinham sons débeis e lamentosos. Holmes escancarou a porta e correu ao vestíbulo. Chegavam lá de cima aqueles ruídos apagados. Subiu as escadas comigo e com o inspetor atrás, ao mesmo tempo que o irmão nos seguia tão rapidamente quanto lhe permitia o seu corpo avantajado.

No patamar do segundo pavimento havia três portas; aqueles sons sinistros vinham da porta do meio. Desfaziam-se às vezes em gemidos surdos para, pouco depois, se tornarem gemidos agudos. A porta estava fechada por fora, com a chave na fechadura. Holmes escancarou-a e entrou, mas voltou imediatamente com as mãos na garganta.

— É fumaça de carvão — gritou-nos. — Esperem um pouco. Vai desaparecer.

Olhamos o aposento. Estava apenas iluminado por uma chama azulada e indecisa que dançava num braseiro, no centro do quarto. Fazia à sua volta um estranho círculo de luz pálida e deixava-nos ver vagamente duas figuras encolhidas ao fundo da parede. Pela porta aberta saía um cheiro viciado, que nos sufocava e nos fazia tossir. Holmes foi encher o peito de ar fresco nas escadas e mergulhou no quarto, abriu rapidamente as janelas, atirando o braseiro para o jardim.

— Daqui a pouco já poderemos entrar lá — informou, ofegante, saindo do quarto com toda a pressa. — Haverá por aí uma vela? Duvido muito que se possa acender um fósforo numa atmosfera destas. Traga a luz até a porta para irmos buscá-los, Mycroft!

Numa corrida, pegamos os dois corpos intoxicados e os arrastamos para o vestíbulo. Ambos tinham os lábios roxos, as faces inchadas, congestionadas, e os olhos saltando das órbitas.

Tinham de tal modo as feições alteradas que, se não fosse pela barbicha negra e o corpo robusto, seria difícil reconhecer o intérprete grego que tínhamos deixado no Diógenes Club poucas horas antes. Estava com pés e mãos amarrados e tinha, no olho, a marca de uma pancada violenta. Porém, o sr. Melas dava ainda sinais de vida e, em menos de uma hora, à força de amoníaco e *brandy*, se recuperou. O outro, que se encontrava em situação idêntica, era um homem

alto, no último grau de fraqueza, com o rosto cheio de tiras de adesivo dispostas num arranjo grotesco. Parou com os gemidos assim que o pousamos no chão, e pelo modo como nos olhou, compreendi que pelo menos para ele o nosso auxílio chegou tarde demais... Devido a sua ignorância do inglês ficou totalmente desprotegido. Seqüestraram-no e procuraram, pela fome e por maus-tratos, obrigá-lo a assinar a doação dos seus bens e dos da irmã. Tinham-no ali na casa sem conhecimento da irmã, por isso encheram seu rosto de adesivos, para o tornarem irreconhecível, caso a moça o visse. No entanto, o seu instinto verdadeiramente feminino descobriu-o imediatamente por detrás do disfarce no momento em que se encontrou com ele pela primeira vez. Mas a pobre senhora era do mesmo modo uma prisioneira, pois além dela não vivia ninguém naquelas redondezas, além do cocheiro e da mulher, que não passavam de instrumentos dos dois malfeitores.

Vendo que o segredo tinha sido descoberto e que não podiam dominar a resistência do prisioneiro, os dois bandidos fugiram logo com a moça, tendo previamente tentado se vingar do homem que os denunciara e do que lhes resistira.

Meses depois, chegou às nossas mãos o recorte de um jornal de Budapeste. Falava de dois ingleses que viajavam com uma senhora e tinham sido vítimas de uma trágica morte. Ao que parecia, tinham sido apunhalados, e a polícia húngara achava que tinham se assassinado mutuamente, depois de uma troca de insultos. Contudo, parece-me que Holmes tinha uma opinião muito diferente: afirma que, se alguém pudesse encontrar a jovem grega, saberia então como tinha sido vingado o mal sofrido por ela e pelo irmão.

FIM

ÍNDICE

A FACE AMARELA

O SILVER STAR	7
A FACE AMARELA	28
O VELHO SOLAR DE SHOSCOMBE	42
O DESAPARECIMENTO DE <i>LADY FRANCES CARFAX</i>	60
O INTÉRPRETE GREGO	79